

B. N. L.
26 JUN 1979
BEN. LEG.

«O AMANHÃ NÃO SERÁ DOS QUE QUEREM ARRASAR A ECONOMIA, MAS DOS QUE QUEREM RECONSTRUÍ-LA».

Mota Pinto

(Preço avulso: 5\$00) N.º 724
ANO XXVII 26/4/1979

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULE

O 25 DE ABRIL e as mãos mendigas

Um apontamento de
LUIΣ PEREIRA

E mais uma vez os punhos fechados, encherão os nacionalizados transportes públicos, ditarão os calores da baixa política, com gritos de intolerância e paixões desmedidas, colocando cartazes, insultando a beleza primaveril com manifestações presunçosas e greves brutalizadas.

Já lá vão cinco anos... O Povo continuaria enterrado nas velharias marxistas e a juventude, cabisbaixa, riscada de lágrimas, cuspida pelas incompetências, paralisadas no asfalto a ver crescer o desemprego no palco cénico de uma pseudo-revolução, que foi mais uma fatalidade claramente alinhavada pelos métodos destruidores do dogmatismo leninista!

Vão-se repetir as imágens azeadas dos camaradas, as esquinas serão de novo preenchidas pelos óculos escuros dos intelectuais pídescos, prontos a denunciarem os que substituíram a tragédia dos cravos vermelhos pela esperança, muito débil, dos cravos brancos.

Cinco anos de consecutivos desgovernos, sempre apressados em mastigarem a pastilha elástica

da inflação, nas astutas aspirações de se tornarem os credores do Diabo a Bem da Nação. E um jovem, que não é extravagante, alcoólico ou drogado, carrega com as pesadas crises às costas e já não acredita em nada. Nem no Presidente, nem no Governo, nem nos partidos. Perguntarão porquê? É fácil: jovens Portugueses.

Ninguém trabalha, todos se manifestam senhores da razão, desestruiram uma Pátria e correm atrás de uma pseudo-revolução.

Uma Primavera longe de ser a orgulhosa estação das flores...

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

CRIANÇA SOFRE!

Por detrás dos traços sensíveis das palavras que falam da criança, há a abstracção da realidade em que vivem muitas delas, a relatividade das conveniências pessoais em falar das coisas humildes para farejar o estudo da exploração das situações, o simples facto de ser bonito a descrição compreensiva. Por isso, caríssimos leitores, eu hesitei se devia falar ou não da criança,

com medo que me confundisse com esse processo intelectual de escrever criança como quem pega num utensílio. Mas como sou fiel ao que me vai na alma, seria trair-me a mim próprio, se não dedicasse algumas palavras ao Ano Internacional da Criança.

Porque cada vez há mais crianças sofrendo. Porque cada vez há mais crianças abandonadas. Porque são os adultos que fazem as guerras. Porque são os adultos que destroem a Humanidade.

Blablablabla... Não. Nem as crianças vivem de palavras, nem o Amor se enraíza com palavras marcadas de avisos. Quantas crianças morrem de fome e há grupos de gente deitando comida para o lixo. As crianças não precisam que lhes tirem fotografias para fechar revistas ou jornais. Elas esboçam sorrisos sem malícia. Não comem discursos. Não travam a Civilização com berros

Assistência médica no Algarve

FREGUESIA DE ALTE EM FOCO

Na Assembleia da República, foi levantada recentemente a questão da cobertura médica do Algarve e em particular a assistência clínica da Freguesia de Alte.

O requerimento que capou a intervenção do deputado, nesse domínio, foi expresso como segue:

1) Considerando que no ALGARVE muitas Freguesias, em especial do interior e da serra, se debatem com graves deficiências nos aspectos de assistência médica, de carácter preventivo e curativo, com gravíssimas consequências para as populações que muitas vezes morrem por falta de um médico;

2) Considerando que, concretamente em relação à Freguesia de ALTE, no Concelho de Loulé,

Bipolarização em marcha da Comunidade Portuguesa

A proposta da Frente Eleitoral Democrática de Freitas do Amaral, traduz, demarca e determina a orientação da evolução assinalada da Comunidade Portuguesa, nos seus trâmites.

Surge indiscutivelmente necessariamente, na medida em que a evolução, ditada pelos acontecimentos, da Sociedade Portuguesa, obriga à responsabilidade, dos que se propuseram e a Sociedade analizou, na condução e orientação do seu destino.

A referida proposta, em termos de conteúdo formulados, já antecipadamente prevista e defendida

da pelo Dr. Sá Carneiro, (P. S. D.) e oferecidos à apreciação, discussão, reflexão e análise, pelo (continua na pág. 2)

ALGARVE E TRÓIA na «mira» de capitais árabes

Segundo a Anop que sobre este assunto se inteirou junto da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, os países árabes estão interessados em investir nas zonas de Tróia e Algarve.

Para determinar as viabilidades em perspectiva, está programada uma visita a Portugal de elementos da Câmara de Comércio do Kuwait.

Entretanto, já sob esse designação, o secretário-geral da Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa, Karim Bonabdellah, deslocou-se em fresca data a Tróia, onde contactou com entidades ligadas às duas zonas turísticas.

Reforma Agrária é tema controverso

A resposta esperada

(III)

Tenho assistido nestas duas últimas noites aos discursos proferidos na Assembleia da República e verifiquei mais uma vez

o ignobil método comunista de atribuir aos outros aquilo que eles próprios fazem ou dizem

Os ataques ao Governo Mota Pinto pela «repressão» que este faz às massas trabalhadoras é uma miserável mentira que os deputados comunistas repetiam sem vergonha e sem pejo perante uma Assembleia que sabia que tal repressão não existia nem existiu durante a curta existência deste Governo. Esta e outras mentiras foram despejadas pelos comunistas no hemicílio de S. Bento onde a verdade deve ser o símbolo dessa Assembleia eleita pelo povo, símbolo continuamente conspurcado por tais indivíduos sem honra e sem vergonha.

Pois como qualquer comunista, o «Dr. bexiga» não teve pejo de escrever que no caso dum

(continua na página 4)

NO DIA 1.º DE MAIO MAIS UMA VEZ ALTE

DEMONSTRARA O MÉRITO E A PUJANÇA DAS SUAS FESTAS TRADICIONAIS!

DESLISANDO SOB A BATUTA DAS FORÇAS PARTIDÁRIAS?

O Tempo, segundo um sábio adágio popular, tudo faz esquecer! Odios, loucuras ou amizades só terminam na eternidade da sua marcha inexorável para o Infinito.

Enquanto possui capacidade de trabalho, saúde e inteligência, o Homem cumpre o seu

Destino vergado às contingências da vida, procurando ciosamente salvaguardar o futuro dos seus familiares, consciente dos inevitáveis problemas da terceira idade.

Para superar efeitos eventualmente negativos dessa preocupação (continua na pág. 9)

Bipolarização em marcha da Comunidade Portuguesa

(continuação da pág. 1)

autor principal, Dr. Freitas do Amaral (C. D. S.) às outras forças ou facções partidárias, para estudo e diálogo, tem como essencial finalidade, a aglutinação e envolvimento das diversas facções partidárias, instituições, grupos e personalidades, afectas, comprometidas e empenhadas na edificação e promoção da autêntica democracia.

Está presentemente a Comunidade portuguesa em vias de se definir, perante a oportuna e coerente proposta, ditada pela desordenada evolução, traduzida por acontecimentos, acções ou actos e impasses, de efeitos absolutamente negativos em todos os sectores vitais, que situou e prometeu tragicamente, toda a Nação e a soberania da Pátria.

A Frente Democrática Eleitoral, pelo que apresenta de positivo, como tentativa de Salvação Nacional, será o meio natural, eficaz, que quase espontaneamente se impõe e obriará, à bipolarização da Sociedade, que se consumará realisticamente, por se encontrar já e há tempo, latente e, presentemente em marcha acelerada.

A Frente Democrática Eleitoral única via, por explorar objectiva e conscientemente, baseada em conceitos democráticos verdadeiros e comuns a todos os partidos, que se definem como democráticos, irá clarificar, ordenar, demarcar, configurar e aglutinar todo o eleitorado, numa esfera comum, de molde a constituir uma força poderosa unida e irmada, por princípios básicos expressos e formulados, produto das doutrinas baseadas e centradas no Homem como ser impar em valores e virtudes, que por essência, corpo e alma, o define e caracteriza como Pessoa de Verdade, pelo que o projecta no Universal, numa posição de relação e semelhança não discriminatória e, na aceitação do seu semelhante, pela Compreensão em diálogo.

Foram estas concepções ideológicas, que inspiraram à Revolução do 25 de Abril, e que presentemente, por desviadas propostas ou inconscientemente, por manifestos interesses pessoais, movidos por paixões, ganância, ou fins de interesses es-

tranhos à Nação e Pátria, num oportunismo, chantagismo, revanchismo e até de traição e alta traição, pelo que actualmente estão postos em causa, e exige a união e distinção de duas frentes: a Liberal e autêntica democrática, sem tibiez nem ambiguidades, clara, representada, defendida e identificada basicamente pela Frente Eleitoral Democrática, que a corporizará de objectivos e interesses básicos comuns e, a outra parte da Sociedade Portuguesa, já mais ou menos clarificada e identificada, mas indelimitada, que na realidade, presentemente se acha mal enquadrada, por parte se situar ou se fazer representar por partidos definidos e

ditos democráticos mas, não correspondentes em comportamento e atitudes, nem na orientação que promovem.

Assim, apresenta-se ou terão a oportunidade todos os portugueses, de se clarificarem pela obrigatoriedade à consciencialização e pela razão e responsabilização, que a Frente Eleitoral Democrática, exige e irá promover, como medida ou alternativa, de opção a impedir a total degradação e destruição da nossa Pátria e Nação, pela desvinculação a interesses, que lhes são estranhos.

14-4-979.

Manuel Bota Filipe Viegas

UM DOS MUITOS DESILUDIDOS

(continuação da pág. 1)

de alguém e de além-mar morreu. O Portugal da Europa está em crise. A sua existência está em perigo.

E está. Só os cegos e os que para o efeito se fazem cegos, é que não vêem isto, é que não dão conta desta realidade, que todavia se está a impôr a toda a gente.

Mas ouçamos ainda o velho general que foi também Presidente da República: «Condenou-se uma política de cujos crimes os responsáveis devem ser inexoravelmente julgados, mas permitiu-se a perseguição arbitrária por autênticos bando de malfeitos, tantas vezes fardados, à mistura com estrangeiros da escória internacional. Defendeu-se o combate à corrupção, mas gerou-se uma classe de corruptos a esbanjar os

bens do Estado. Defendeu-se uma sociedade utópica sem classes, mas criaram-se novas classes exploradoras do povo, com regalias e benefícios ímpares. O esbanjamento do ouro e a destruição da economia nacional concretizaram-se.

A anarquia da educação em fase incipiente de desmoralização, é uma realidade. O sistema de saúde aperfeiçoou-se, mas para a exploração do homem. Aqui, como nos outros sectores da vida nacional, o socialismo morreu na incapacidade. A «Revolução de Abril» era necessária em 1974. A «Revolução de Abril» continua a ser necessária hoje».

Isto di-lo não «um qualquer», mas um oficial superior do exército, um militar que viveu alguns anos nas terras inhospitas de África, não a recrear-se com a beleza das suas paisagens, mas a lutar, mas a defender o que então tínhamos como nosso e a que demos esforço, ação e boa vontade também.

Di-lo enfim, um homem que ao «25 de Abril» se deu convicto de que do mesmo adviriam melhores dias para a sua e nossa pátria.

Enganou-se, porém, pelo que nos conta no seu livro.

E foi pena...

J. Piedade Júnior

GUERREIRO & CABRITA, LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

Notária: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de folhas 32, a folhas 33, v.º, do Livro n.º C-58 de Notas para Escrituras Diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Ana Maria Rodrigues Mendes Guerreiro e Alda Maria Marcelino Cabrita, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Guerreiro & Cabrita, Limitada» e tem a sua sede na Rua Gil Eanes, n.º 13, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, durante por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º — O seu objecto consiste na exploração da indústria hotteleira e seus similares, actividades turísticas, podendo explorar qualquer outra actividade em que os sócios acordem e não seja proibido por lei.

3.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de cem mil escudos, dividido em duas quotas, do valor nominal de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócia.

4.º — É livre a cessão de quotas total ou parcial entre os sócios, mas a estranhos depende do consentimento da sociedade.

5.º — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral,

Carreiras, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notária: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 28 de Março último, lavrada de folhas 8 v., a folhas 10, v.º, do Livro n.º B-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima referido, o sócio Fernando Gomes da Silva, cedeu a sua quota a José Martins Carreira, e renunciou à gerência, e os actuais sócios, Arnaldo Martins Carreira e o referido cessionário, que foi nomeado gerente, alteraram o artigo primeiro do pacto social que passa a ter a seguinte redacção:

Artigo primeiro: — A sociedade adopta a firma de «Carreiras, Lda.» e tem a sua sede na Avenida Projectada à paralela à Avenida Infante de Sagres, no edifício denominado Torre 1, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O 3.º Ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

pertence às duas sócias, que desde já ficam nomeadas gerentes.

2) Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura das duas gerentes, em conjunto, bastando qualquer uma delas para os actos de mero expediente.

3) Os gerentes podem delegar os seus poderes de gerência em procuradores.

4) É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto social, designadamente, prestando fianças, abonações, avales, sacar e aceitar letras de favor.

5.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

NEVES & IRMÃO, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de fls. 34, v. a 35, do livro n.º C-106, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a socie-

dade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Avenida José da Costa Mealha, n.º 93, desta vila e freguesia de S. Clemente, com a firma «Neves & Irmão, Lda.», dada como liquidada, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 12 de Abril de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-7)

A CONTABILIDADE É NECESSÁRIA

TÉCNICO DE CONTAS COM 15 ANOS DE INSTRUÇÃO E IDÓNEO PARA ORGANIZAR E DIRIGIR NÃO APENAS PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE, MAS TAMBÉM ASSUNTOS FISCAIS E ESTATÍSTICOS. DISPÕE DE ALGUM TEMPO LIVRE.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 41.

ARMAZÉM EM ALMANCIL TRESPASSA-SE

BOM ARMAZÉM, NOVO, COM 170 M2, NO CENTRO DE ALMANCIL, COM A RENDA MENSAL DE 12.500\$00, ÓPTIMO PARA SUPERMERCADO, CASA DE MOBILIARIA, QUALQUER ESTABELECIMENTO COMERCIAL, OU ARMAZÉM, TRESPASSA-SE.

CONTACTAR DR. JACINTO DUARTE — TELEFONE 62747 — LOULÉ.

(4-3)

CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

Histórias verdadeiras que parecem ficção

Quantas vezes a verdade se confunde com a lenda, quando narrada pelo escritor?

Não será certamente devido a qualquer infelicidade ou exortância descriptiva, mas porque o escritor ao «fotografar» os factos lhes acrescentar o modo como viu e captou as suas ambientes.

Outras vezes, que não são raras, o escritor não é apenas testemunha.

É também protagonista e «vive» a história.

E o caso do conto que se segue, da autoria da compiladora e coordenadora desta tua secção,

a Dr. Idália Farinho Custódio, que a seguir se ocupa de um tema sempre actual (meninos sem infância), emoldurado pelo clima poético do Natal.

E por ser actual, a razão da sua presença, aqui e agora, neste teu «Cantinho».

J. C. Viegas

PALAVRAS PRÉVIAS

Esta é a minha forma de ter presente «O ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA». Gosto muito das crianças! Gosto muito de escrever para vocês. Escrevi este conto em 1974, depois de uma breve passagem pelos «filmes reais» arquivados no meu corpo. Há neste conto um suporte autêntico — uma situação vivencial — para além do mundo de ficção literária. A Maria do Rosário existe. A Ana Maria existe. Quis contar-vos esta história

Meninos sem infância na Noite de Natal

Era domingo. O sol já estava a meter-se na sua cama de ouro, lá ao longe, e a noite começou a espalhar a terra, deambulando na sua sola azul de mar, de luz, de imensidão... A noite queria começar o seu dia, mas queria ter a certeza que o sol estaria quase a adormecer o sonho do Mundo.

Nesse domingo, quase noite andava eu nos meus passeios à solta, quando vi duas meninas a caminhar no mesmo passeio, ainda desenhado com os amarelos mornos do sol. Os nossos passos aproximavam-se, e, quanto menor era o espaço entre nós, mais o meu coração se abria e mais os meus olhos e a minha boca se propunham dar, uma mão cheia de sorrisos, às duas meninas que a noite trazia no seu colo cinzento e frio. A noite era já mesmo noite. O céu estava azul com estrelas e pequenas manchas brancas que pareciam pombas esvoaçando. As árvores do passeio dormiam e os pássaros aconchegavam-se na tramação amena, procurando o bafo quente dos seus próprios corpinhos tempos como as flores ao vento.

Parámos. Os nossos passos ficaram colados no chão calcetado, pardacento e gasto. O hâmonos e eu sorri. As meninas tinham nas suas bocas cantigas inventadas, cantigas que fazem a

verdadeira, porque quero que saibam que tenho «dentro de mim» a Maria do Rosário e a Ana Maria e «todos os meninos» do mundo sem o sol a aquecer-lhos.

Um dia queria ver a minha boca sorrir a riqueza de uma comunhão de amor universal... Queria ver a glorificação das crianças sem a validade de anos certos para amar, numa magia de alegria e liberdade...

Idália Farinho Custódio

vida doce e afastam o escárnio dos homens. Cantigas que nascem no fundo dos corações sem infância. Cantigas que nascem na Noite de Natal.

Perguntei-lhe os seus nomes e apresentei-me. Os meus olhos meigos e claros eram bem a imagem da minha verdade. No espaço transparente de confiança, baixaram os lindos nomes das duas meninas — Ana Maria e Maria do Rosário. A Ana Maria era a mais crescida. Tinha nove anos. A Maria do Rosário sete anos.

Houve quase a monotonia do silêncio! Uma leve aragem trouxe o perfume do nosso encontro e do nosso amor. Era o perfume da noite de Natal! As estrelas brilharam mais e sentamo-nos sobre as pedras cinzentas do passeio, esperando a anunciação de mais nascimentos de «meninos»!... A Ana Maria e a Maria do Rosário aconchegavam-se a mim, no desejo de sentir o calor de palavras e de um corpo. A Ana Maria fez-me muitas perguntas e fala muito! Parecia que o Mundo se lhe ia acabar...

Decidimos dar um passeio pela rua acima, sob a luz fosca de candeeiros sonolentos e sob a luz das estrelas que iluminavam os pardieiros dos meninos sem infância. A Maria do Rosário agarrou a minha mão direita e os seus olhos sorriam muito. A Ana Maria falava de seu pai alcoólico... da mãe doente... do Jesus de Belém!... A Maria do Rosário não falava, mas olhava muito para os meus olhos, para os meus lábios e apertava a minha mão. Apertava-a muito!

Curiosamente perguntei:

— Por que não falas comigo, Maria do Rosário?

Foi então que a Ana Maria me disse que a mana era muda. Mas

a Maria do Rosário entendeu tudo. E sorriu e apertou, muito mais, a minha mão. Os seus gestos eram as suas palavras que ficavam no seu coração e no meu. E eu entendia as suas palavras e o amor poético dos seus olhos. Eu entendia o código da Maria do Rosário. E a Maria do Rosário encostava o seu corpinho esfarrapado ao meu e dizia-me coisas que só os corpinhos esfarrapados sabem dizer numa noite de Natal.

A Maria do Rosário e a Ana Maria tinham nascido numa cabana sem luz e fria e não tiveram ninguém a adorá-las...

Noite de Natal! Mas era Noite de Natal?... Tinhamos que celebrar o nascimento dos meninos sem infância!

As ruas brilhavam o entusiasmo festivo dos corações dos homens, e as montras, iconicamente enfeitadas, enfeitiçavam os olhos tristes-deslumbrados dos meninos sem infância. Entrámos num café sem aparatos inúteis, para que a riqueza do «nossa boleiro» brilhasse como a luxúria das grandes luxuosidades. Os olhares balofos dos olhos sentados, não me assustaram. A minha alegria era a minha força. A minha boca era a cantiga dos meninos sem infância na Noite de Natal. Aquela era a minha melhor Noite de Natal! Era a «nossa» Noite de Natal!

A noite já tinha crescido muito. Era tarde. Fui levar as minhas duas meninas até junto da cabana que dormia a solidão e a miséria de uma choupana sem Reis Magos, sem «Estrela»!...

Regressei a minha casa e quis pôr a rodar a roda da vida. E dormi um conto de fadas!...

Acordei com a imagem lúcida da Maria do Rosário e da Ana Maria que continuavam esfarrapadas, esperando ouro, incenso e mirra! Pobre sonhol...

Voltai ao mesmo passeio, porque o meu coração chorava. Encontrei a Maria do Rosário e a Ana Maria. Caíram nos meus braços como duas flores abertas nas madrugadas de azul-celeste. Dê-lhes um grande «boleiro» e um beijo de Natal. Dê-lhe a estrela do Menino Jesus que levará ao mundo inteiro a história de duas meninas que nasceram e cresceram sem o abraço da humanidade.

Fiquei com a alegria de um beijo e com a canção da Maria do Rosário e da Ana Maria — A canção dos meninos sem infância na noite de Natal.

Idália Farinho Custódio

LUIZ PONTES ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

(10-6)

ALGARVE

Vendem-se: dois prédios urbanos. Um térreo e um primeiro andar com grande armazém, amplo terreno circundante murado, com estabulos e pôrtilas, frente à estação do caminho de ferro de Almancil — Nexe, e uma parcela de terreno, próximo, com arvoredo, própria para lotear construção. Uma propriedade com a área de 15 000 m², com árvores diversas, bom terreno de cultura, no sítio do Areeiro, próximo da Estrada Nacional.

Trata: J. Pinheiro — Silencio, Torre 1 — Porta 2, 4.º andar, letra A — COSTA DA CAPARICA.

COMPRO-SE

TERRENO OU PRÉDIO PARA DEMOLIR DE

PREFERÊNCIA C/ PROJETO APROVADO.

CONTACTAR PELO TELEF. 62449 — LOULÉ.

Notícias Pessoais

NASCIMENTO

No Hospital Particular de Lisboa, teve o seu bom sucesso no passado dia 8 de Abril, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.º D. Maria Margarida da Silva Veiga Martins, casada com o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Fernando José Baptista Martins, funcionário dos Serviços Municipalizados de Loulé.

São avós maternos a sr.º D. Maria do Carmo Ana Silva Veiga, casada com o sr. Tenente-coronel Francisco do Carmo da Veiga, residente em Lisboa e avós paternos a sr.º D. Maria da Soledade Vilhena Martins Ramos, casada com o conceituado comerciante

VENDE-SE AUTOMÓVEL

BMW 1600 em bom estado de conservação.

Tratar pelo telefone 62120 — Loulé, ou 65336 — Quarreira.

VENDEDORES / AS

Necessitamos, para todas as localidades no Algarve. Produtos com boa venda. Da mosca assistência.

Resposta a este jornal ao n.º 49.

VENDE-SE

Prédio na Av. José da Costa Mealha, c/ cave, r/c, 1.º andar. R/ chão vago.

Nesta redacção se informa.

(2-2)

A Voz de Loulé n.º 724, 26-4-79

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Pela 3.ª Secção do 9.º Juízo Cível de Lisboa e nos autos de Acção Sumária n.º 8 286/78, em que são: Autora C. Cantos — Comércio e Indústria, Lda., com sede na Av. da Liberdade, 29-41, em Lisboa e Réu Maurini Silvano, actualmente ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido em Marina de Vilamoura, Loulé, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias que comece a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob cominação de vir a ser condenado no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste em pagar-lhe a quantia de 360 790\$50 e custas, relativamente a reparações efectuadas no motor mercedes OM 636, propriedade do réu, que até agora não pagou, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta secretaria a aguardar que seja solicitado.

Lisboa, 2 de Abril de 1979.
O Juiz de Direito,
a) António dos Reis Fernandes
O Escrivão de Direito,
a) Henrique Leote

em Faro sr. José Guerreiro Martins Ramos, nosso prezado amigo e dedicado assinante.

Ao recém nascido foi dado o nome de Rui Pedro Veiga Martins.

Endereçamos os nossos parabéns aos felizes pais e avós e auguramos ridente futuro para o seu descendente.

CASAMENTO

Na Igreja de S. Francisco em Loulé, realizou-se no passado dia 15 de Abril o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.º Dr. D. Maria Fernanda Guerreiro Laginha Ramos, prendida filha do nosso saudoso amigo Fernando Laginha Ramos e da sr.º D. Maria dos Anjos da Silva Guerreiro Ramos, com o sr. Dr. Sebastião Francisco Seruca Emídio, filho do nosso prezado amigo sr. João Emídio Guerra e da sr.º D. Maria Valentina da Costa Seruca.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seus tios o nosso estimado amigo e dedicado assinante sr. Engº Joaquim Parajota Laginha e sua esposa sr.º D. Maria Francisca da Silva Guerreiro Laginha e por parte do noivo seus tios sr. Túlio Bento Seruca e da sr.º D. Lídia Seruca.

O copo de água teve lugar na residência da noiva.

Ao jovem casal e a seus pais endereçamos os nossos parabéns e os nossos votos de feliz vida conjugal.

INFRACÇÕES SOBRE O TRÂNSITO

— COMUNICADO DO COMANDO DA PSP DE FARO

Segundo comunicado do Comando da PSP de Faro, durante o mês de Março findo, nas várias operações «stop» e fiscalizações de rotina efectuadas, foram detetadas ao todo, 859 infrações.

As contravenções mais numerosas foram as seguintes: 190 por estacionamento irregular, 146 por desobediência à sinalização, e 92 por falta de capacete.

Além doutras transgressões, foram presos 4 indivíduos por condução ilegal e 1 por falsificação de documentos.

TRESPASSA-SE

Mini-mercado das Quatro-Estradas (Casa Maia), com várias secções, incluindo talho. Muito afreguesado. Motivo à vista. Preço de ocasião.

Tratar no próprio local ou telefone 62897 — LOULÉ.

(3-2)

VENDE-SE

AUTOMÓVEL

Opel Record, 1.700 (cilindrada) em estado novo.

Tratar pelo telefone 62631 LOULÉ (das 13 h. às 14 h. ou a partir das 20 h.).

(3-1)

LUSOVEMA

Grupos electro-bombas de alta e média pressão e submersas.

Material eléctrico.
Av. Marçal Pacheco — Telf. 62233 — LOULÉ.

(5-3)

Reforma Agrária é tema controverso

A RESPOSTA ESPERADA

(continuação da pág. 1) pai meter uma espingarda na mão de um filho de 12 anos para assassinar um oficial de diligências, que eu seria de opinião que a solução de direito que o juiz daria ao crime consumado seria mandar matar, esfoliar ou fritar o garoto; e quanto ao pai a de alça-lo em ombros pela porta grande da saída.

Esta seria a minha opinião que o «Dr. bexiga» extraíu da minha carta primeira; mas a opinião dele era outra, pois tinha «ideias diferentes».

E é verdade que temos ideias diferentes mesmo sem que ele diga e confesse quais são as suas.

Mas não é necessário dizê-lo, pois qualquer pessoa apreende, senão as suas ideias mas o que ele quer e pretende.

«O que interessa aos Anacleto é que o «povo» P.C. (não os «donos desse» povo que são paisanos ao dito «dr») seja crucificado, morto e sepultado, como erva ruim que se monda de seara boa».

Bela tirada esta, «Dr. bexiga»...

Mas onde foi que viu isto, ouviu isto ou coisa semelhante da minha boca?

E o que quere ele dizer quando afirma que os donos do povo P.C. são os meus paisanos? E intrigante este «Dr. bexiga».

«Só que talvez haja u.n. óbice em que não atentou o «dr» Anacleto. Quem é que, então, vai produzir o pão que nós (este «dr» e eu) comemos matinalmente com manteiga?

Para o «Dr. bexiga» poderá existir um óbice; para mim não, que não tenho o bom hábito burguês de comer matinalmente pão com manteiga; sempre comi tarde e a más horas o pão que o diabo amassou. Matinalmente, para mim, só o trabalho existiu, pois da minha vida passada não resta o hábito do pão com manteiga que faz a delícia da grande maioria das comunas que, quando o mastigam, não se lembram do padeiro que o fabricou.

E não têm que lembrar-se, como eu quando me sento não me

lembro do marceneiro que fez a cadeira nem daquele que fez a cama onde me deito.

Quando o «Dr. bexiga» desliga no seu bom par de sapatos, lembra-se do sapateiro que os manufacturou?

Não se lembra. E se, se lembra, lembra-se porque e para quê?

Quando nos penteamos ou quando nos barbeamos não nos lembramos de quem fez o pente ou de quem fez a navalha ou a máquina de barbear.

E porque haveríamos de pensar em tal?

Nenhuma razão há para isso; e, se as tivesse havido, o hábito regular e secular havia desgrudado do nosso pensamento tal ideia.

A verdade é que não nos interessa conhecer as pessoas que fizeram as estradas e os pontes, as calçadas e os aquedutos, as espingardas e os canhões, os relógios e as escovas. Todos estes fabricantes ou fabricantes são a multidão, são as multidões presentes e passadas que só podem interessar a quem delas se quiser servir: são as comunas que sentindo como qualquer de nós o efeito dessas multidões, se armam em defensores delas, condóndos delas, e as incitam a combater e destruir o inimigo.

Quem é o inimigo? O inimigo será quem deu trabalho e quem alimentou, vestiu e calçou essas multidões. Os comunas incitam os trabalhadores a destruir quem lhes deu trabalho, os patrões; mas ninguém disse a estes que exigissem, e nem estes tomaram a iniciativa de exigir, que os trabalhadores devolvessem aos patrões o dinheiro que destes receberam.

O «Dr. bexiga» fala e condónde do homem que produziu o pão que ele come com manteiga matinalmente; e porque não se condónde da vaca que expungiu o leite das suas entradas para lhe dar o doce prazer da vida?

Sr. «Dr. bexiga»: condónde da vaquinha, lembre-se da vaquinha, defende a vaquinha.

Ah! Não... A vaca não diz

muito obrigado; a vaca não grida viva o «Dr. bexiga», a vaca não acorre às manifestações, a vaca é inerte às manipulações comunistas; a vaca não tem vontade a trocar por uma ou muitas promessas.

Nisto e que estará o interesse dos comunas; no positivo disso e que também estará o «Dr. bexiga».

Sim, porque se a vaquinha falasse e dissesse muito obrigado pelo bem que lhe fizéssem ou ao que lhe prometesssem; se a vaquinha desse votos, ou se dissesse viva o «Dr. bexiga», este também não a esqueceria no seu matinal pão com manteiga.

Ao «Dr. bexiga» não interessam os não votantes, os não falantes, os que não querem ou não lhe podem ser úteis; mas aos Anacleto interessam homens altos e baixos, de qualquer cor ou de qualquer política; mas interessam-lhes segundo as suas qualidades ou méritos, independentemente da sua cor ou raça.

Nunca ninguém viu ou ouviu dos Anacleto gritos ou exigências da morte ou da crucificação de alguém, mesmo quando se trata de traidores como são os comunas; mas o mesmo não se pode dizer destes quer quanto aos seus actos, quer quanto as suas ameaças verbais nas manifestações ou quanto ao que escrevem nas paredes da cidadela.

Mesmo ao povo P.C., que pede a morte e exige a morte dos latifundiários e dos empresários e de outros, os Anacleto nunca exigiram a morte ou a crucificação porque nunca tiveram desejo nisso, contrariamente ao que desonestamente afirmou o «Dr. bexiga».

«Informa o «dr» Anacleto que o «povo» P.C. se deitava à frente de tractor a fim de impedir a demarcação das reservas que este fazia. E daqui conclui que tal «povo» deve, no mínimo, ser sumariamente executado, sem direito de defesa».

No manifesto de juristas, as mentiras eram tão grandes e tão altas que, por necessidade de higiene mental pública, me vi na necessidade de me lançar na luta, apontando as mentiras e desafiando os manifestantes a prová-las, e como consequência apareceu o «Dr. bexiga» que, como membro da molhada desse manifesto, nada podia trazer que não fosse mais disparates e grosseiras mentiras.

De outra maneira não podia ser: o pilriteiro só pode dar pilritos.

Vejamos:

No trecho imediatamente transcrito da carta do «Dr. bexiga» diz-se:

«E daqui conclui que tal «povo» deve, no mínimo, ser sumariamente executado, sem direito de defesa».

Trata-se de uma indecorosa mentira que, só por si, qualificaria de indigno um corpo inteiro, e lançaria ao lixo qualquer membro imundo.

Onde foi que eu conclui tal?

Queiram os dignos leitores deste jornal ler a minha carta publicada no n.º 713, do dia 2/2/79, para verem por seus próprios olhos a caluniosa mentira do «Dr. bexiga», pois afi não encontrarão no que escrevi, nada que se pareça com o que este «jurista» escreveu.

A mentalidade comunista do «Dr. bexiga» não importa que nada disso se encontre no que escrevi; o que interessa é que isso fique inserido no que ele escreveu para ser transcrito por outros comunas, e assim se espalhará sucessivamente a calúnia que passará a correr como verdade. E assim o processo comunista.

(Conclui no próximo n.º)

Neves Anacleto

RESPONDENDO ao Dr. Dias Costa

(Continuação)

O Dr. Dias Costa enganou-se redondamente quando duvidou que tivéssemos tratado há anos, do problema do azeite.

Quando a produção do azeite nacional começou a escassear (a partir de 1964/65) propusemos o recurso — para acudir às necessidades de consumo e evitar o dispêndio de divisas — da mistura de azeite com óleo de amendoim, óleo este que tínhamos com abundância, proveniente da Guiné. Este óleo seria vendido mais barato que o azeite puro e assim evitava-se as fraudes então detectadas pelos serviços de fiscalização, devido à diferença sensível do preço do óleo e da escassez do azeite, cuja procura intensa o tornava mais caro. Nessa campanha, que ocupou alguns artigos da «Voz de Loulé», dissecava-se um pouco toda a problemática da produção e dos circuitos de distribuição.

Sobre o abandono da azeitona nos olival, essa afirmação é positiva mas o reflexo do problema baseava-se nos baixos preços do azeite e nos altos custos da apanha do fruto e não no desinteresse dos olivicultores ou da falta de mão-de-obra para a sua recolha.

Se os homens emigravam, ficavam as mulheres, que é a mão-de-obra mais utilizada neste serviço, que é leve.

O mal é que os produtores não podiam pagar aquilo que a azeitona não rendia, visto não atingir preços satisfatórios para os salários, quer na venda da azeitona quer na transformação em azeite.

O mal portanto, estava nos preços tabelados para o azeite. Esta teimosia governamental em não se actualizar os preços (vigoraram durante vários anos preços entre 12 a 15\$00 o litro) levou ao corte de muitas árvores, dado o desânimo do olivicultor numa cultura que lhe dava prejuízo.

Agora, que os preços são compensadores como V. Ex.º diz, e temos imperiosa necessidade de aproveitar todos os recursos disponíveis, é que nos parece flagrante atentado à economia nacional, a não apanha da azeitona ou deixá-la cair e abandoná-la ou enterrá-la, como tem sido largamente feito no Alentejo.

O pretexto da falta de mão-de-obra não tem cabimento, visto haver 13% de desempregados e estar parada a emigração.

Quanto à contra-safra, os estudos efectuados com a alternância safra e contra-safra, indicam que se podem corrigir os desequilíbrios anuais, utilizando adubações do terreno e a aplicação de um composto químico como estimulante e outro como ataque aos parasitas da oliveira: gafa, traça, mosca, etc.

A falta de limpeza e poda das árvores, as cavas para rega e adubações periódicas, etc. são o mal principal do baixo rendimento do olival.

Se acrescentarmos a necessidade de «reconversão do olival», cujo decreto não foi revogado mas que não tem sido executado através do corte de olival velho (muito dele mais que centenário) e substituído por outro de porte baixo (em Itália existe a «palmetta» que permite a apanha directa à mão, do fruto, devido à sua baixa altura) vamos encontrar neste rosário de problemas e acções por resolver todo o mal para a fraca produção do azeite e da sua péssima qualidade.

Sobre a produção do azeite no Alentejo e Ribeiro, devemos informar que ultrapassa normalmente os 50% da produção nacional.

Só as 3 províncias do Alentejo produziram em 970/71 e 975/76,

48,5% e 43,5% respectivamente.

brios anuais, utilizando adubações do terreno e a aplicação de um composto químico como estimulante e outro como ataque aos parasitas da oliveira: gafa, traça, mosca, etc.

A falta de limpeza e poda das árvores, as cavas para rega e adubações periódicas, etc. são o mal principal do baixo rendimento do olival.

Se acrescentarmos a necessidade de «reconversão do olival», cujo decreto não foi revogado mas que não tem sido executado através do corte de olival velho (muito dele mais que centenário) e substituído por outro de porte baixo (em Itália existe a «palmetta» que permite a apanha directa à mão, do fruto, devido à sua baixa altura) vamos encontrar neste rosário de problemas e acções por resolver todo o mal para a fraca produção do azeite e da sua péssima qualidade.

Sobre a produção do azeite no Alentejo e Ribeiro, devemos informar que ultrapassa normalmente os 50% da produção nacional. Só as 3 províncias do Alentejo produziram em 970/71 e 975/76, 48,5% e 43,5% respectivamente.

AZINHO E BOLOTA — Sem pretensões de suficiência erudita ou auto-didáctica, ao penetrarmos no campo da arboricultura, sempre diremos, em resposta ao título em epígrafe que houve em tempos recuados (se a memória não nos falha) uma moagem razoavelmente equipada para o efeito, no Grémio da Lavoura de Serpa onde se farinava a glande da azinheira (bolota), que era depois comercializada pelos lavradores do distrito de Beja. Só por si, essa farinha, não resolvia o problema das rações por falta de qualidades proteicas ou vitamínicas. No Algarve existem bastantes oliveiras provenientes de enxertos efectuados em azinheiras (e zambujeiros). Distinguem-se facilmente pelo elevado porte das árvores.

AZEITONA E AZEITE — Espanhola-nos a classificação atribuída ao olival da Herdade dos Machados, no concelho de Moura, como a de maior olival do mundo. Desconhecemos onde foi o autor da missiva que descobriu tamanha posição na meseta Ibérica. Que alguns algarvios ou alentejanos mais ouvidos, lhe conferiam o título de o maior olival da península, já o tínhamos ouvido dizer. Agora do mundo, parece-nos uma daquelas espanholadas, quanto a grandeza.

(continua na pág. 6)

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

AVISO

Realiza-se no próximo dia 28 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal, uma Sessão Ordinária da Assembleia Municipal com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciação da Conta de Gerência e Relatório do Exercício de 1978;
- 2 — Elaboração do Calendário das Sessões extraordinárias da Assembleia, nas Freguesias do Concelho;
- 3 — Apreciação e parecer sobre a cobrança do Imposto de Turismo nos termos da Lei das Finanças Locais, reestruturação do C.R.T.A. e protocolo a estabelecer com a Secretaria de Estado do Turismo.

OPORTUNIDADE DE EMPREGO

Oferece-se trabalho aliciante a jovem com boa formação liceal (e activo), MESMO SEM EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.

Dirigir carta, manuscrita, a este jornal ao n.º 47.

EMPREGADO PARA MECANOGRAFIA

PRECISA-SE

— SEXO MASCULINO

— CURSO COMERCIAL OU EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ADEQUADA

— CONHECIMENTO DE PROGRAMAÇÃO É CONDIÇÃO DE PREFERÊNCIA

— RESPOSTAS MANUSCRITAS A: FRANCISCO MARTINS FARAJOTA & FILHOS, LDA. — APARTADO 13 — LOULÉ.

O homem perante a educação

Por
AMANCIOS DO LIVRAMENTO

Atravessamos, sem dúvida, um estádio assaz crítico em que se verifica uma falta de educação em todas as camadas sociais.

A grave crise educativa depende geralmente da convivência familiar e social em que predomina a indisciplina intoxicante que conduz à irreverência e a incorrecção entre a pessoa humana.

A má educação causa arrepios e choca fortemente um ser bem formado.

Dizriamente assistimos a actos de incorrecção, de arrogância e de vaidades, tudo isto põe evidência a péssima educação que o homem recebeu na sua infância.

Nesta Sociedade decadente há homens que se julgam SUPER-HOMENS perante o seu semelhante, quando na realidade são seres incivilizados e incultos que merecem o desprezo da comunidade em que vivem.

O homem só é superior pela sua inteligência, pela sua educação e pelos seus dotes intelectuais, valores estes que muitas vezes o nobilitam perante o seu irmão fraterno, e além disso deve possuir uma elementar modéstia e humildade perante aqueles que o rodeiam.

Quando no sinuoso caminho da vida brilha a luz da consciência e da ética entre os homens, e daqueles princípios de sinceridade, de urbanidade e de traternidade, a Sociedade atingirá uma completa evolução no caminho da civilização humana.

A vivência humana só terá consecução através da instrução, da educação, do respeito mútuo aliado aos sentimentos humanitários que é a base fundamental da concórdia e da justiça social.

As virtudes mais necessárias no Homem é a educação, a delicadeza e o amor fraternal que muito o engrandecem perante o seu semelhante.

O sábio P. E. TOMAS, citou:

L'education des sentiments: «A INSTRUÇÃO QUE NAO CONDUZ, IGUALMENTE, A EDUCAÇÃO É MAIS PERIGOSA DO QUE ÚTIL PARA A

ORDEM SOCIAL».

Estas sublimes palavras vêm ao encontro da manifesta falta de educação que vem grassando na actual Sociedade em que vivemos.

Ha muitos seres humanos devido ao poderio do dinheiro se tornam mal educados, obtusos e orgulhosos, julgando-se superiores, quando na verdade dessem indecorosamente perante os olhos daqueles espectadores que assistem a essa triste comédia.

O notável escritor e romancista CAMILO CASTELO BRANCO escreveu:

«QUE A MAIS LOUCA E INSUPORTAVEL DE TODAS AS VAIDADES É A DOS INDIGNERADOS».

Infelizmente assim acontece no Mundo actual em que vegetamos!...

O dinheiro que é o Senhor Absoluto do Mundo não tem o poder de comprar a inteligência, a consciência e nem os sentimentos humanitários que são natos no homem, valores que contribuem para o engrandecimento da humanidade.

Na vida humana deve o ho-

mem «GRAVIER LA CLIE», a fim de evitar inimizades, injúrias, incompreensões e ações de des cortezia que ferem e constumam a dignidade de qualquer ser humano.

A INSOLÊNCIA, A ARROGANÇA, A DESCORTEZIA E A VAIDADE É UMA NOODA QUE MANCHA A ESPECIE HUMANA.

É necessário instruir e educar os homens a fim de os guiar no caminho da civilização, em que a convivência e a paz seja perfeita entre todas as estirpes.

A evolução depende dos frutos da inteligência, do seu desenvolvimento a fim de atingir um nível elevado que engrandeça o homem na esteira da vida.

Todo este contexto é um problema dos mais cruciantes que urge resolver a todo o transe a fim das gerações vindouras curarem a escola da cultura e da educação, essencial alimento do cérebro humano.

INSTRUIR, EDUCAR, CIVILIZAR E CONTRIBUIR PARA A PAZ E PARA O AMOR ENTRE OS HOMENS!...

CARTAS AO DIRECTOR

EM 10 DE JUNHO

Reunião-convívio entre regressados de Moçambique

Sr. Director:

Pertence o signatário ao número daqueles que, durante anos labutaram em terras de África, para engrandecimento do MUNDO PORTUGUES.

Forçados a regressar a Portugal, por força das circunstâncias, muito poucos o fizeram nas melhores condições.

Na verdade, muitos permaneceram por longos anos longe da Mãe Pátria e nunca cá vieram, por falta de meios económicos.

(E cabe aqui rebater a falsa ideia de que «os brancos» viviam em África como «nababos», explorando os «pretos». Se é certo que se alguns foram menos lícitos nas suas relações com os naturais, o objectivo do Governo e de todos os portugueses responsáveis foi civilizar e desenvolver as ex-colónias ao ponto de poderem ser, no contexto mundial novos países que no mosaico africano não se envergonham dos restantes países daquele continente.

Aconteceu que, depois de anos de labuta e de esforços para um dia voltar a este cantinho da Europa, muitos nem chegaram a voltar e outros voltaram antes do tempo previsto, precisamente porque o destino marcou o dia do precipitado regresso e, sem estarem preparados tanto moral como economicamente, encontraram, na terra onde nasceram, um ambiente que os não reconheceu, e, tem sido entre os «companheiros da desgraça» que têm encontrado algum conforto e estímulo para recomeçar a vida que agora é mais pesada, mais árdua e mais penosa!

Assim, embora a ordem natural seja para uma completa integração na sociedade portuguesa, ela deve ser feita gradualmente e à medida que o tempo limpa as arestas de contactos nem sempre bem compreendidos.

Por isso, é junto dos desafortunados de África que os outros regressados, talvez com maiores dificuldades e desilusões sentem algum conforto, apenas por serem melhor compreendidos e receberem algumas palavras de carinho.

Com esta finalidade, um grupo de regressados de Moçambique teve a ideia de confraternizar com outros regressados do mesmo território, organizando um encontro em Alte, na conhecida «Fonte Grande», no dia 10 do próximo mês de Junho, solicitando a V. Ex.^a patrocinar esta ideia, divulgando-a através de «A Voz de Loulé», publicando, semanalmente um convite a todos os regressados de Moçambique, residentes no Algarve, para um piquenique-convívio naquele local, sem programa estabelecido, bastando cada qual levar a sua merenda, cuja concentração se prevê para as 9 horas do dia designado.

Antecipadamente grato a V. Ex.^a pelo acolhimento que se dignar dar à ideia, subscrivendo-me com a maior consideração e muito reconhecido,

De V. Ex.^a,
Muito atenciosamente,

Horácio da Silva Calado

GARDENS AND SERVICES UNLIMITED

PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizadores
- Electricista ou Ajudante
- e outros

Contactar nos escritórios desta firma,
ao lado do Restaurante Pitucha

em Almansil

A JUSANTE DO FENÔMENO POLÍTICO

Não pretendemos apontar, de dedo em riste e acusativo, quais são os grupos de pressão que comandam ou detonam o surto dos acontecimentos traumáticos, que a dado passo alegam e perturbam esta jovem e delicada democracia portuguesa, que muito tem de tirocinante.

Alguns são bem conhecidos, outros nem tanto. A camuflagem é a sua epiderme.

De uma coisa está a maioria do povo ciente: serão poucos os restantes ou nenhum, os que se situam a montante das oscilações agudizantes e escapam, como corolário, à sua nefasta e desagregadora influência.

Por outras palavras poder-se-á dizer que, os acontecimentos pro vocados premiadamente deixaram, a certo ponto, de ser controláveis e, por tal facto, passaram a constituir fenômeno político.

Durante a sua vigência, ainda que efémera, ninguém poderá afanhar-se com propriedade de que se acha a seu montante.

Todos se situam a jusante, onde tudo corre sob os auspícios do contingente e do aleatório.

Na plenitude da acepção, o IV Governo Constitucional não foi, nem é Governo, porque não teve tempo para sé-lo.

Nenhum dos seus homólogos anteriores o foram, porventura, pelas mesmas razões.

Não é governo quem não consegue governar.

Rigorosamente, assim é. A instabilidade política que ameaça endemia, não é contudo, felizmente, tão gravosa que chegue para mascarar a existência da marquaria.

Os governos têm tido autoridade para fazer respeitar as leis fundamentais e nos períodos de mais acervo «impasse», a competência para dar seguimento aos negócios correntes e rotineiros do estado.

Os governos baqueiam, não por culpa própria afinal, isso está sobejamente comprovado, mas porque são impedidos de funcionar e conduzidos a um intransponível «ponto morto».

E a «história» repete-se de novo, o dilema é apontado pelas cúpulas: a formação de outro governo, ou a antecipação da consulta às urnas.

Será caso para indagar, olhando atentamente para os antecedentes, se haverá alguma vantagem em improvisar, em retroceder e voltar à primeira forma.

Para quê, se as rivalidades exacerbadas condenarem o embargarem, na oportunidade, qualquer governo que não lhes agrade, sacrificando-o aos seus radicalismos!

Estamos em crer que a definição advém dos partidos e que sendo eles mesmos (ninguém o contesta) os pilares da democracia não são, por paradoxo, suficientemente democráticos, quanto necessário.

Dentro do pluralismo político reinante, são os partidos e as facções os responsáveis pela imagem real (e não platónica e utópica) da democracia que lhes compete projectar e prestigiar.

Ao que se saiba, ninguém ainda lhe fixou um figurino universalista rígido que sirva e se ajuste, perfeitamente a todas as latitudes.

Terá de ser obra dos homens, terá de ser produto do seu labor, discernimento e boa-vontade; conter um estilo próprio, capacitado a resistir às tirânicas tentações de poder pelo poder e às ambícias de hegemonia.

Não é menos importante e vital («sine qua non») que funcione e resulte em prol dos interesses comuns e nacionais, mesmo que isso implique a decantação, severa dos sectarismos.

A questão é linear e põe-se neste pé: a reformulação partidária ou o desgaste do regime democrático, e por consequência, o vazio do poder.

J. C. Viegas

TAP - Uma grande empresa em permanente renovação

(II)

(Continuação)

Positivamente é preciso conhecer a TAP por dentro para se avaliar o que significa fazer descolar um avião com passageiros e com todos os rigores numa segurança que exigem as normas internacionais, o bom senso e o crédito firmado por uma das mais conceituadas companhias aéreas do Mundo.

Neste momento referimo-nos à intensa preparação técnica a que são submetidos os pilotos dos Transportes Aéreos Portugueses (agora Air - Portugal) e que nos foi revelado dentro da cabine de um avião que só o não é porque não voa. Mas estar dentro dele é como estar voando, tal a sensação de realidade proporcionada pelo trabalhar do motor e vista panorâmica de solo e imagens da pista sobre o qual o «avião» parece rolar com inovável realidade.

Se considerarmos que cada hora de voo de treino custa cerca de 100 contos, poderemos avaliar as vantagens da existência deste sistema de ensaio em que um circuito interno de televisão desempenha importântissimo papel.

E como cada tipo de avião tem os seus pilotos privativos, logo se vê quanto é necessário ter mais de um tipo de cabine de ensaios. E não há só cabinas como também um avião de madeira que serve para treino das hospedeiras de bordo, que aí aprendem como se comportar a bordo e como devem tratar os passageiros, recebendo intensos treinos para se preparam para fazerem face a quaisquer ocorrências relativas a salvamentos, etc.. Para isso há uma sala própria onde se lançam de tapetes e mangas, etc.

A preparação técnica e psicológica do seu pessoal é também uma das grandes preocupações da TAP, que para isso criou um departamento especializado na sua formação. Os números falam de si: em 1978, 2 725 empregados da companhia receberam 23 000 horas de instrução. Só ao sector da manutenção foram ministrados aos seus funcionários 800 matérias diferentes, o que não inclui a formação básica de todo o pessoal recrutado e nem os cursos especiais de chefia.

Vê-se assim, que a TAP dedica especial atenção à competência profissional dos servidores, pondo-os, permanentemente, a par das últimas inovações da técnica moderna.

Daf uma das razões porque os serviços da TAP são conhe-

cidos e admirados no estrangeiro, donde vêm centenas de técnicos especializar-se. Ainda muito recentemente, a TAP iniciou a Portugal técnicos de ensaio frequentar as escolas da TAP, traduzindo-se em 16 000 contos de receita desse trabalho de instrução.

Nas escolas da TAP, o aluno apresenta os seus problemas e o instrutor apresenta soluções baseadas na sua larga experiência e conhecimentos técnicos/profissionais e altos padrões de especialização. Há um conceito de que o bom técnico de aviação se forma num mínimo de 15 anos, o qual até inclui um curso de pequenos segredos e é considerado o pilar da segurança.

Essa segurança é também garantida através de uma disposição legal que impossibilita um técnico de mexer em qualquer avião antes de estar devidamente credenciado, apesar de a escola de especialização obedecer a parâmetros aconselhados para que o técnico avance nos seus conhecimentos ao longo da prática.

Para assegurar essa prática, as instalações da TAP dispõem de enorme e complexa aparelhagem com rigores de perfeição. Numa das salas, por exemplo, foi-nos dado apreciar um computador analógico, que produz (em grandes dimensões) a moderníssima aparelhagem de um Boeing 147 que permite a verificação automática e quase simultânea de 52 panes possíveis, deixando apenas 2 ou 3 hipóte-

ses para o técnico rectificar.

É também um dos aparelhos que serve para instrução dos candidatos. Apesar de tudo isto, o sector da informática, foi um dos que mais surpreendeu os visitantes, pois entrar numa das suas salas e sentir a sensação de estar no século XXI, tal a profusão, ordenamento, minuciosidade e precisão das dezenas de círculos electrónicos que nos cercam e que, em fração de segundos, fornecem quaisquer elementos que estejam gravados nas suas «memórias».

«Assim como os dedos da dactilógrafa se movimentam à procura das letras, assim delicadas peças se deslocam com incrível rapidez à procura dos elementos que lhe são solicitados.

Essa precisão é notória no sector das marcações de lugares, que é ordenada por computadores. Se um passageiro se atrasou e perdeu o avião, para Londres, por exemplo, esse passageiro será informado da possibilidade de seguir noutro avião e possíveis escalas. Se não houver ou não quiser, o computador entrará em contacto com o hotel de Londres, informando do sucedido e colocando o passageiro na lista de espera. Logo que este avance, o hotel será informado da hora da chegada do seu hóspede.

Só no sector de informática há valores aproximados a 500 mil contos, apesar de o capital da companhia não exceder o milhão de contos.

(Continua no próximo nº)

RESPONDENDO ao Dr. Dias Costa

(continuação da pág. 4)

zas, ditas em geito anedótico. Por visão directa e outros dados, cremos que em Sevilha, Jaen, Córdoba (na Espanha) tal como na Itália, Grécia e Tunísia existem, por certo grandes manchas de olivais iguais ou superiores ao da ex-casa Santo Jorge, dos Machados.

Quanto à afirmação de «que sempre importamos azeite (azeite fino, de Itália) para as conservas de peixe» a afirmativa carece de veracidade e rectificação. Se alguma vez importámos muito para conservas, isso deve ter sido no tempo dos nossos avós, isto é, enquanto não se montou a indústria de refinação de azeite em Portugal. Portanto há que eliminar o exagero sempre importámos.

A classificação de FINO indica, segundo as normas internacionais, azeite virgem ou de mistura com refinado, com a acidez à volta de 1,5 graus. Sendo o peixe um produto gorduroso, o molho a adicionar à conserva deve ser o menos gordo e o menos ácido possível. Portanto, só com o recurso à rectificação (refinação) do seu excesso gorduroso e bem assim da eliminação doutro excesso, o da acidez, cujo ácido oleico é prejudicial à boa qualidade das matérias primas a embalar. Houve sim a aplicação de azeites virgens com 3 a 5 décimos de acidez, por exigência de um ou outro mercado estrangeiro, bem como a mistura desses virgens com a calda de tomate, para o norte de África. Tudo isso feito com azeites fluidos e de acidez mínima (de Castelo Branco) mas em reduzidas quantidades.

AUTÉNTICA REFORMA AGRÁRIA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES — Essa sim será a preconizada pelo governo de Mota Pinto que visa dar aos trabalhadores (que foram marginalizados pelo P. C.) a possibilidade de serem proprietários das terras que trabalham com o suor do seu rosto. Só assim «a terra será, de facto, de quem nela trabalha» e não apenas das cúpulas dum Partido que domina os trabalhadores, como seus obedientes servos.

Não é apenas com uma simples mudança de patrões (antes os latifundiários, agora o Estado), que o trabalhador se sentirá estimulado para produzir mais e melhor.

Senão vejamos o que tem acontecido nos países onde a influência soviética tem conseguido introduzir a socialização da terra. Mais flagrantemente temos agora os casos de Moçambique e Angola, onde o Povo passa fome por carência dos mais elementares produtos da sua alimentação básica e onde as faltas são tantas que obriga o povo a bichas constantes (como aliás acontece nos países do Leste) para adquirir os produtos mais necessários à sua vida diária. No entanto para os grandes senhores das cúpulas dos partidos únicos que mandam naqueles 2 países, parece que nada falta do bom e do melhor que se consegue por aquelas paragens.

Sr. Dr. nós não queremos, que nos explique. Nós só queremos entender porque razão é que V. Ex.^a e os 16 restantes advogados do Algarve estão tão interessados em defender a Reforma Agrária...

Para defender o povo?

Nesse caso porque não estimulam a criação dum Serviço Nacional de Advocacia, correspondendo assim ao repto lançado, já por 2 vezes, pelo sr. António Silva, no jornal «A Capital»?

O sr. Dr. já pensou que, se o Alentejo fosse entregue ao P. C. P. e se este não conseguisse dominar Portugal inteiro nós, os algarvios, ficaríamos isolados do resto do País por um novo «Muro da Vergonha» que logo se estenderia ao longo da serra do nosso Algarve, a exemplo do que os russos fizeram em Berlim? É isto que nos custa suportar. É isto que nos dói, sr. Dr.

Então V. Ex.^a não está mesmo a ver que a Reforma Agrária do P. C. é apenas um pretexto para nos escravizar aos interesses imperialistas de Moscovo?

Pelo contrário, nós, sr. Dr., colocamos principalmente os interesses de Portugal muito acima dos interesses da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, enquanto que o sr. Dr. parece que...

(continua no próximo número)

PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA COMUNICADO

As Comissões Políticas Concelhias do PSD de Portimão, Albufeira, Lagoa, Monchique, Silves e Vila do Bispo reunidos a fim de analisar as conclusões do Conselho Nacional da Guarda e os últimos acontecimentos, nomeadamente a actuação de parte do Grupo Parlamentar do PSD, deliberaram o seguinte:

1.º — Declarar perante as populações a sua firme determinação em continuarem unidas em torno do PSD e dos ideias da Social-Democracia;

2.º — Apoiarem inequivocadamente a actuação política do Presidente do Partido, Francisco Sá Carneiro e da Comissão Política Nacional;

3.º — Reprovarem energicamente a actuação dos Deputados que pretendiam a aprovação de um Orçamento Geral do Estado alta-

mente lesivo dos interesses dos Portugueses em matérias tão importantes como: impostos incomportáveis (13.º mês), redução do crédito à habitação e ao investimento e a não aplicação em tempo útil da Lei das Finanças Locais; por outro lado aumenta-se despidoradamente as despesas com o Conselho da Revolução e a Presidência da República;

4.º — Não deverá o PSD votar favoravelmente um novo Orçamento desde que não sejam modificados sensivelmente os critérios seguidos no anterior, em especial sobre o imposto do 13.º mês, Finanças Locais e facilidades de crédito aos investidores;

5.º — O PSD desde sempre defensor da SOCIAL-DEMOCRACIA, não aceita e combaterá toda e qualquer política que vise continuamente e só a crescente alta do custo de vida sem melhorias visíveis e reais em sectores como: saúde, assistência social, ensino, habitação e desemprego;

6.º — O PSD não aceitará impostos e aumentos contínuos enquanto os prejuízos com as empresas nacionalizadas são da ordem dos muitos milhões de contos;

7.º — O PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA não teme a formação de um outro partido, seja pelo Presidente Ramalho Eanes, seja pelo 1.º Ministro Mota Pinto ou seus servidores, mas não admitirá interferências ou manobras no seu interior seja de quem for, a fim de tentar desacreditar o PSD e aparecerem como os pretendentes «salvadores» de Portugal através de um partido sem qualquer projecto definido. O que salvará Portugal será um grande bloco democrático para o qual todos os esforços temos feito;

8.º — O PSD propôs em tempo útil um Governo de Salvação Nacional que foi recusado pelo Presidente da República, pelo CDS e pelo PS; não somos portanto

responsáveis pela situação presente;

9.º — O PSD alerta a população contra a campanha que a RDP, RTP e jornais do Governo e partidários irão desencadear contra os Sociais-Democratas; O Partido Social-Democrata era e é a última esperança democrática dos portugueses; as manobras agora desencadeadas visam destruir e desacreditar o PSD, já que o CDS e o PS perderam a confiança dos Portugueses; o lema é dividir para reinar.

10.º — A nossa resposta é a única que serve os interesses dos Portugueses: para isso estamos atentos, firmes, serenos e unidos.

Portimão, 5 de Abril de 1979.
As Comissões Políticas Concelhias de Portimão, Albufeira, Lagoa, Lagos, Monchique, Silves e Vila do Bispo

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/

CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LO-

CALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Trespasse-se

SNACK-BAR - CERVEJARIA - RESTAURANTE

GRILÓ

ANTIGA CASA «MÃE SOBERANA»

Rua 1 de Dezembro, 28 — Tel. 62737 — Loulé

Tratar com o solicitador João Iria

Largo D. Pedro I, 15 — Tel. 62187 — LOULÉ

(3-1)

O homem perante a educação

For
AMANCIOS DO LIVRAMENTO

Atravessamos, sem dúvida, um estádio assaz crítico em que se verifica uma falta de educação em todas as camadas sociais.

A grave crise educativa depende geralmente da convivência familiar e social em que predominam a indisciplina intocante que conduz à irreverência e à incorrecção entre a pessoa humana.

A má educação causa arrepios e choca fortemente um ser bem formado.

Diariamente assistimos a actos de incorrecção, de arrogância e de vaidades, tudo isto põe à evidência a péssima educação que o homem recebeu na sua infância.

Nesta Sociedade decadente há homens que se julgam SUPER-HOMENS perante o seu semelhante, quando na realidade são seres incivilizados e incultos que merecem o desprezo da comunidade em que vivem.

O homem só é superior pela sua inteligência, pela sua educação e pelos seus dotes intelectuais, valores estes que muitas vezes perante o seu irmão-fraterno, e além disso deve possuir uma elementar modéstia e afabilidade perante aqueles que o rodeiam.

Quando no sinuoso caminho da vida brilha a luz da consciência e da ética entre os homens,

de daqueles princípios de sinceridade, de urbanidade e de fraternidade, a Sociedade atingirá uma completa evolução no caminho da civilização humana.

A vivência humana só terá consecução através da instrução, da educação, do respeito mútuo aliado aos sentimentos humanitários que é a base fundamental da concórdia e da justiça social.

As virtudes mais necessárias no Homem é a educação, a delicadeza e o amor fraternal que muito o engrandecem perante o seu semelhante.

O sábio P. E. TOMAS, citou:

L'education des sentiments:
«A INSTRUÇÃO QUE NAO CONDUZ, IGUALMENTE, A EDUCACAO E MAIS PERIGOSA DO QUE UTIL PARA A

ORDEM SOCIAL».

Estas sublimes palavras vêm ao encontro da manifesta falta de educação que vem gressando na actual Sociedade em que vivemos.

Ha muitos seres humanos devido ao poderio do dinheiro se tornam mal educados, orgulhosos e orgulhosos, julgando-se superiores, quando na veracidade dessem indecorosamente perante os olhos daqueles espectadores que assistem a essa triste comédia.

O notável escritor e romancista CAMILO CASTILHO BRANCO escreveu:

«QUE A MAIS LOUCA E INSUPORTAVEL DE TODAS AS VAIDADES E A DOS INDIGNERADOS».

Infelizmente assim acontece no Mundo decente em que vivemos!...

O dinheiro que é o Senhor Absoluto do Mundo não tem o poder de comprar a inteligência, a consciência e nem os sentimentos humanitários que são natos no homem, valores que contribuem para o engrandecimento da humanidade.

Na vida humana deve o ho-

mem «GRAVIER FACILE», a fim de evitar inimizades, injus-
ticas, incompreensões e ações de desorteza que ferem e cons-
purcam a dignidade de qualquer ser humano.

A INSOLENCIA, A ATRO-
GANIA, A DESCORTESIA E
A VAIDADE E UMA NODOA
QUE MANCHA A ESPECIE
HUMANA.

É necessário instruir e educar os homens a fim de os guiar no caminho da civilização, em que a convivência e a paz seja perfeita entre todas as estirpes.

A evolução depende dos frutos da inteligência, do seu desenvolvimento a fim de atingir um nível elevado que engrandeça o homem na esteira da vida.

Todo este contexto é um problema dos mais cruciantes que urge resolver a todo o transe a fim das gerações vindouras curarem a escola da cultura e da educação, essencial alimento do cérebro humano.

INSIRUIR, EDUCAR, CIVI-
LIZAR E CONTRIBUIR PARA
A PAZ E PARA O AMOR EN-
TRE OS HOMENS!...

CARTAS AO DIRECTOR

EM 10 DE JUNHO

Reunião-convívio entre regressados de Moçambique

Sr. Director:

Pertence o signatário ao número daqueles que, durante anos labutaram em terras de África, para engrandecimento do MUNDO PORTUGUES.

Forçados a regressar a Portugal, por força das circunstâncias, muito poucos o fizeram nas melhores condições.

Na verdade, muitos permaneceram por longos anos longe da Mãe Pátria e nunca cá vieram, por falta de meios económicos.

(E cabe aqui rebater a falsa ideia de que «os brancos» viviam em África como «nababos», explorando os «pretos»). Se é certo que se alguns foram menos leitos nas suas relações com os naturais, o objectivo do Governo e de todos os portugueses responsáveis foi civilizar e desenvolver as ex-colónias ao ponto de poderem ser, no contexto mundial novos países que no mosaico africano não se envergonham dos restantes países daquele continente.

Aconteceu que, depois de anos de labuta e de esforços para um dia voltar a este cantinho da Europa, muitos nem chegaram a voltar e outros voltaram antes do tempo previsto, precisamente porque o destino marcou o dia do precipitado regresso e, sem estarem preparados tanto moral como economicamente, encontraram, na terra onde nasceram, um ambiente que os não reconheceu, e, tem sido entre os «companheiros da desgraça» que têm encontrado algum conforto e estímulo para recomeçar a vida que agora é mais pesada, mais árdua e mais penosa!

Assim, embora a ordem natural seja para uma completa integração na sociedade portuguesa, ela deve ser feita gradualmente e à medida que o tempo limpa as arestas de contactos nem sempre bem compreendidos.

Por isso, é junto dos desafortunados de África que os outros regressados, talvez com maiores dificuldades e desiludidos sentem algum conforto, apenas por serem melhor compreendidos e receberem algumas palavras de carinho.

Com esta finalidade, um grupo de regressados de Moçambique que teve a ideia de confraternizar com outros regressados do mesmo território, organizando um encontro em Alte, na conhecida «Fonte Grande», no dia 10 do próximo mês de Junho, solicitando a V. Ex.º patrocinar esta ideia, divulgando-a através de «A Voz de Loulé», publicando, semanalmente um convite a todos os regressados de Moçambique, residentes no Algarve, para um piquenique-convívio naquele local, sem programa estabelecido, bastando cada qual levar a sua merenda, cuja concentração se prevê para as 9 horas do dia designado.

Antecipadamente grato a V. Ex.º pelo acolhimento que se dignar dar à ideia, subscrevo-me com a maior consideração e muito reconhecido,

De V. Ex.º,
Muito atenciosamente,

Horácio da Silva Calado

A JUSANTE DO FENÔMENO POLÍTICO

Houve uma deterioração de circunstâncias que alteraram as estratégias de gabinete e confundiram os «caciques», que tinham prescrito rumos programados.

O desvio das trajectórias delineadas semearam dissensões e linhas divisórias pelo menos esporadicamente irredutíveis.

Os acontecimentos escaparam ao controlo de quem os havia manipulado com pressuposta mestria.

Irrompeu, portanto, mau grado dos ingentes esforços da liderança presidencial e executiva, o fenômeno político, que enquanto perdurar há-de semear conjecturas e nunca certezas.

Durante a sua vigência, ainda que efémera, ninguém poderá ufamar-se com propriedade de que se acha a seu montante.

Todos se situam a jusante, onde tudo corre sob os auspícios do contingente e do aleatório.

Na plenitude da acepção, o IV Governo Constitucional não foi, nem é Governo, porque não teve tempo para sé-lo.

Nenhum dos seus homólogos anteriores o foram, porventura, pelas mesmas razões.

Não é governo quem não consegue governar.

Rigorosamente, assim é.

A instabilidade política que ameaça endemia, não é contudo, felizmente, tão gravosa que chegue para mascarar a existência da anarquia.

Os governos têm tido autoridade para fazer respeitar as leis fundamentais e nos períodos de maior acervo «impasse», a competência para dar seguimento aos negócios correntes e rotineiros do estado.

Os governos baqueiam, não por culpa própria afinal, isso está sobejamente comprovado, mas porque são impedidos de funcionar e conduzidos a um intransponível «ponto morto».

E a «história» repete-se de novo, o dilema é apontado pelas cúpulas: a formação de outro governo, ou a antecipação da consulta às urnas.

Será caso para indagar, olhando atentamente para os antecedentes, se haverá alguma vantagem em improvisar, em retroceder e voltar à primeira forma.

Para quê, se as rivalidades exacerbadas condenarem ou embargarem, na oportunidade, qualquer governo que não lhes agrada, sacrificando-o aos seus radicalismos!

Estamos em crer que a deficiência advém dos partidos e que sendo eles mesmos (ninguém o contesta) os pilares da democracia não são, por paradoxo, suficientemente democráticos, quanto necessário.

Dentro do pluralismo político reinante, são os partidos e as facções os responsáveis pela imagem real (e não platónica e utópica) da democracia que lhes compete projectar e prestigiar.

Ao que se saiba, ninguém ainda lhe fixou um figurino universalista rígido que sirva e se ajuste, perfeitamente a todas as latitudes.

Terá de ser obra dos homens, terá de ser produto do seu labor, discernimento e boa-vontade; conter um estilo próprio, capacitado a resistir às tirânicas tentações de poder pelo poder e às ambições de hegemonia.

Não é menos importante e vital («sine qua non») que funcione e resulte em prol dos interesses comuns e nacionais, mesmo que isso implique a decantação, severa dos sectarismos.

A questão é linear e põe-se neste pé: a reformulação partidária ou o desgaste do regime democrático, e por consequência, o vazio do poder.

J. C. Viegas

GARDENS AND SERVICES UNLIMITED

PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizador
- Electricista ou Ajudante
- e outros

Contactar nos escritórios desta firma,
ao lado do Restaurante Pitucha

em Almancil

TAP - Uma grande empresa em permanente renovação

(II)

(Continuação)

Positivamente é preciso conhecer a TAP por dentro para se avaliar o que significa fazer descolar um avião com passageiros e com todos os rigores numa segurança que exigem as normas internacionais, o bom senso e o crédito firmado por uma das mais conceituadas companhias aéreas do Mundo.

Neste momento referimo-nos à intensa preparação técnica a que são submetidos os pilotos dos Transportes Aéreos Portugueses (agora Air - Portugal) e que nos foi revelado dentro da cabine de um avião que só o não é porque não voa. Mas estar dentro dele é como estar voando, tal a sensação de realidade proporcionada pelo trabalhar do motor e vista panorâmica de solo e imagens da pista sobre o qual o «avião» parece rolar com inerível realidade.

Se considerarmos que cada hora de voo de treino custa cerca de 100 contos, poderemos avaliar as vantagens da existência deste sistema de ensaio em que um circuito interno de televisão desempenha importantsíssimo papel.

E como cada tipo de avião tem os seus pilotos privativos, logo se vê quanto é necessário ter mais de um tipo de cabine de ensaios. E não há só cabines como também um avião de madeira que serve para treino das hospedeiras de bordo, que aí aprendem como se comportar a bordo e como devem tratar os passageiros, recebendo intensos treinos para se prepararem para fazerm face a quaisquer ocorrências relativas a salvamentos, etc.. Para isso há uma sala própria onde se lançam de tapetes e mangas, etc.

A preparação técnica e psicológica do seu pessoal é também uma das grandes preocupações da TAP, que para isso criou um departamento especializado na sua formação. Os números falam de si: em 1978, 2 725 empregados da companhia receberam 23 000 horas de instrução. Só ao sector da manutenção foram ministrados aos seus funcionários 800 matérias diferentes, o que não inclui a formação básica de todo o pessoal recrutado e nem os cursos especiais de chefia.

Vê-se assim, que a TAP dedica especial atenção à competência profissional dos servidores, pondo-os, permanentemente, a par das últimas inovações da técnica moderna.

Daf uma das razões porque os serviços da TAP são conhe-

cidos e admirados no estrangeiro, donde vêm centenas de técnicos especializar-se. Ainda muito recentemente, a Siria mandou a Portugal técnicos de instrução frequentar as escolas da TAP, traduzindo-se em 16 000 contos de receita desse trabalho de instrução.

Nas escolas da TAP, o aluno apresenta os seus problemas e o instrutor apresenta soluções baseadas na sua larga experiência e conhecimentos técnicos/profissionais e altos padrões de especialização. Há um conceito de que o bom técnico de aviação se forma num mínimo de 15 anos, o qual até inclui um curso de pequenos segredos e é considerado o pilar da segurança.

Essa segurança é também garantida através de uma disposição legal que impossibilita um técnico de mexer em qualquer avião antes de estar devidamente credenciado, apesar de a escola de especialização obedecer a parâmetros aconselhados para que o técnico avance nos seus conhecimentos ao longo da prática.

Para assegurar essa prática, as instalações da TAP dispõem de enorme e complexa aparelhagem com rigores de perfeição. Numa das salas, por exemplo, foi-nos dado apreciar um computador analógico, que produz (em grandes dimensões) a moderníssima aparelhagem de um Boeing 147 que permite a verificação automática e quase simultânea de 52 países possíveis, deixando apenas 2 ou 3 hipóte-

ses para o técnico rectificar.

E também um dos aparelhos que serve para instrução dos candidatos.

Apesar de tudo isto, o sector da informática, foi um dos que mais surpreendeu os visitantes, pois entrar numa das suas salas e sentir a sensação de estar no século XXI, tal a profusão, ordenamento, minuciosidade e precisão das dezenas de círculos electrónicos que nos cercam e que, em fracção de segundos, fornecem quaisquer elementos que estejam gravados nas suas «memórias».

«Assim como os dedos da dactilógrafa se movimentam à procura das letras, assim delicadas peças se deslocam com incrível rapidez à procura dos elementos que lhe são solicitados.

Essa precisão é notória no sector das marcações de lugares, que é ordenada por computadores. Se um passageiro se atrasou e perdeu o avião, para Londres, por exemplo, esse passageiro será informado da possibilidade de seguir noutro avião e possíveis escalas. Se não houver ou não quiser, o computador entrará em contacto com o hotel de Londres, informando do sucedido e colocando o passageiro na lista de espera. Logo que este avance, o hotel será informado da hora da chegada do seu hóspede.

Só no sector de informática há valores aproximados a 500 mil contos, apesar de o capital da companhia não exceder o milhão de contos.

(Continua no próximo nº.)

RESPONDENDO ao Dr. Dias Costa

(continuação da pág. 4)

zas, ditas em geito anedótico. Por visão directa e outros dados, cremos que em Sevilha, Jaen, Cordoba (na Espanha) tal como na Itália, Grécia e Tunísia existem, por certo grandes manchas de olivais iguais ou superiores ao da casa Santo Jorge, dos Machados.

Quanto à afirmação de «que sempre importamos azeite (azeite fino, de Itália) para as conservas de peixe» a afirmativa carece de veracidade e rectificação. Se alguma vez importámos muito para conservas, isso deve ter sido no tempo dos nossos avós, isto é, enquanto não se montou a indústria de refinação de azeite em Portugal. Portanto há que eliminar o exagero sempre importámos.

A classificação do FINO indica, segundo as normas internacionais, azeite virgem ou de mistura com refinado, com a acidez à volta de 1,5 graus. Sendo o peixe um produto gorduroso, o molho a adicionar à conserva deve ser o menos gordo e o menos ácido possível. Portanto, só com o recurso à rectificação (refinação) do seu excesso gorduroso e bem assim da eliminação doutro excesso, o da acidez, cujo ácido oleico é prejudicial à boa qualidade das matérias primas a embalar. Houve sim a aplicação de azeites virgens com 3 a 5 décimos de acidez, por exigência de um ou outro mercado estrangeiro, bem como a mistura desses virgens com a calda de tomate, para o norte de África. Tudo isso feito com azeites fluidos e de acidez mínima (de Castelo Branco) mas em reduzidas quantidades.

AUTÉNTICA REFORMA AGRÁRIA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES — Essa sim será a preconizada pelo governo de Mota Pinto que visa dar aos trabalhadores (que foram marginalizados pelo P. C.) a possibilidade de serem proprietários das terras que trabalham com o suor do seu rosto. Só assim «a terra será, de facto, de quem nela trabalha» e não apenas das cúpulas dum Partido que domina os trabalhadores, como seus obedientes servos.

Não é apenas com uma simples mudança de patrões (antes os latifundiários, agora o Estado), que o trabalhador se sentirá estimulado para produzir mais e melhor.

Senão vejamos o que tem acontecido nos países onde a influência soviética tem conseguido introduzir a socialização da terra. Mais flagrantemente temos agora os casos de Moçambique e Angola, onde o Povo passa fome por carência dos mais elementares produtos da sua alimentação básica e onde as faltas são tantas que obriga o povo a bichas constantes (como aliás acontece nos países do Leste) para adquirir os produtos mais necessários à sua vida diária. No entanto para os grandes senhores das cúpulas dos partidos únicos que mandam naqueles 2 países, parece que nada falta do bom e do melhor que se consegue por aquelas paragens.

Si. Dr. inóz não queremos, que nos explique. Nós só queríamos era entender porque razão é que V. Ex.^a e os 16 restantes advogados do Algarve estão tão interessados em defender a Reforma Agrária...

Para defender o povo?

Nesse caso porque não estimulam a criação dum Serviço Nacional de Advocacia, correspondendo assim ao repto lançado, já por 2 vezes, pelo sr. António Silva, no jornal «A Capital»?

O sr. Dr. já pensou que, se o Alentejo fosse entregue ao P. C. P. e se este não conseguisse dominar Portugal inteiro nós, os algarvios, ficarímos isolados do resto do País por um novo «Muro da Vergonha» que logo se estenderia ao longo da serra do nosso Algarve, a exemplo do que os russos fizeram em Berlim? É isto que nos custa suportar. É isto que nos dói, sr. Dr.

Então V. Ex.^a não está mesmo a ver que a Reforma Agrária do P. C. é apenas um pretexto para nos escravizar aos interesses imperialistas de Moscovo?

Pelo contrário, nós, sr. Dr., colocamos principalmente os interesses de Portugal muito acima dos interesses da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, enquanto que o sr. Dr. parece que...

(continua no próximo número)

PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA COMUNICADO

As Comissões Políticas Concelhias do PSD de Portimão, Albufeira, Lagoa, Monchique, Silves e Vila do Bispo reunidos a fim de analisar as conclusões do Conselho Nacional da Guarda e os últimos acontecimentos, nomeadamente a actuação de parte do Grupo Parlamentar do PSD, deliberaram o seguinte:

1.º — Declarar perante as populações a sua firme determinação em continuarem unidas em torno do PSD e dos ideias da Social-Democracia;

2.º — Apoiarem inequivocavelmente a actuação política do Presidente do Partido, Francisco Sá Carneiro e da Comissão Política Nacional;

3.º — Reprovar energicamente a actuação dos Deputados que pretendiam a aprovação de um Orçamento Geral do Estado alta-

mente lesivo dos interesses dos Portugueses em matérias tão importantes como: impostos incomportáveis (13.º mês), redução do crédito à habitação e ao investimento e a não aplicação em tempo útil da Lei das Finanças Locais; por outro lado aumenta-se despidoradamente as despesas com o Conselho da Revolução e a Presidência da República;

4.º — Não deverá o PSD votar favoravelmente um novo Orçamento desde que não sejam modificados sensivelmente os critérios seguidos no anterior, em especial sobre o imposto do 13.º mês, Finanças Locais e facilidades de crédito aos investidores;

5.º — O PSD desde sempre defensor da SOCIAL-DEMOCRACIA, não aceita e combaterá toda e qualquer política que vise continuamente e só a crescente alta do custo de vida sem melhorias visíveis e reais em sectores como: saúde, assistência social, ensino, habitação e desemprego;

6.º — O PSD não aceitará impostos e aumentos continuos enquanto os prejuízos com as empresas nacionalizadas são da ordem dos muitos milhões de contos;

7.º — O PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA não teme a formação de um outro partido, seja pelo Presidente Ramalho Eanes, seja pelo 1.º Ministro Mota Pinto ou seus servidores, mas não admitirá interferências ou manobras no seu interior seja de quem for, a fim de tentar desacreditar o PSD e aparecerem como os pretensos «salvadores» de Portugal através de um partido sem qualquer projeto definido. O que salvará Portugal será um grande bloco democrático para o qual todos os esforços temos feito;

8.º — O PSD propôs em tempo útil um Governo de Salvação Nacional que foi recusado pelo Presidente da República, pelo CDS e pelo PS; não somos portanto

responsáveis pela situação presente;

9.º — O PSD alerta a população contra a campanha que a RDIP, RTP e jornais do Governo e partidários irão desencadear contra os Sociais-Democratas; O Partido Social-Democrata era e é a última esperança democrática dos portugueses; as manobras agora desencadeadas visam destruir e desacreditar o PSD, já que o CDS e o PS perderam a confiança dos Portugueses; o lema é dividir para reinar.

10.º — A nossa resposta é a única que serve os interesses dos Portugueses: para isso estamos atentos, firmes, serenos e unidos.

Portimão, 5 de Abril de 1979.

As Comissões Políticas Concelhias de Portimão, Albufeira, Lagoa, Lagos, Monchique, Silves e Vila do Bispo

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/

CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LO-

CALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Trespassa-se

SNACK-BAR - CERVEJARIA - RESTAURANTE

GRILÓ

ANTIGA CASA «MÃE SOBERANA»

Rua 1 de Dezembro, 28 — Tel. 62737 — Loulé

Tratar com o solicitador João Iria

Largo D. Pedro I, 15 — Tel. 62187 — LOULÉ

(3-1)

NO ÂMBITO AGRO-PECUÁRIO O ALGARVE É UM EXEMPLO PROMISSOR

Na secção de economia do semanário lisboeta «Tempo», saiu na sua edição de 12 último, um bem elaborado comentário sobre a panorâmica da agricultura do país que culmina com uma objectiva apreciação sobre as potencialidades agro-pecuárias do Algarve.

Posto que as asserções ali contidas nos merecem particular ponderação, aqui lhe damos resumidamente eco não prescindendo, porém, da transcrição de parte do trecho respeitante a esta província.

Comegando o autor do artigo por apontar para os factores responsáveis pelos aspectos negativos de acuidade agrícola (a subordinação a objectivos políticos da chamada «zona de intervenção da Reforma Agrária» e em especial a proliferação do minifúndio), estabeleceu depois uma comparação entre a dimensão média da empresa rural portuguesa (de 6 hectares) com a dos países da CEE (20 hectares).

Frisa de seguida que esta limitação da propriedade tem efeitos restritivos no emprego da mecanização agrícola, em desproporção portanto com a sua capacidade de trabalho.

Mais adiante ocupa-se em constatações elucidativas sobre a fecundidade dos solos nacionais e após destacar que apenas 28 por cento tem aptidão agrícola, conclui que se faz agricultura em cerca de metade do território, o que inevitavelmente redunda na baixa média das produções agrícolas e escassamente compensatório do trabalho e dos investimentos. Sugere depois, para contrabalançar a deficiência, um melhor aproveitamento das terras realmente aptas (mecanização adequada, uso atilado de fertilizantes e de sementes de alto rendimento) para auto-abastecimento do País, permitindo essa orientação a disponibilidade de

outras áreas para uma pastorícia racionalizada. Nota assim, que enquanto as terras para a pastorícia em Portugal atingem os 7 por cento, nos países da CEE as áreas, para esse fim destinadas, vão até cerca de 44 por cento.

Enumera também, como causa de fraca rendibilidade agrícola a carência de estruturas contabilísticas em cerca de três quartos das empresas, que permitem saber se as campanhas em curso estão a decorrer em condições favoráveis de rendibilidade.

No capítulo da agro-pecuária do Algarve, o comentarista encerra o seu apontamento com a nótula que a seguir, com a devida vénia, transcrevemos:

«Algarve, onde são numerosos os casos de rendimentos de 200 contos e mais por hectare, com cultivos tradicionais, havendo mesmo casos de rendimentos de mil contos e mais, por hectares, com culturas de «novidades» e em épocas de grande procura — sobretudo frutas e produtos hortícolas.

Dai que, segundo informação de elemento com responsabilidades oficiais, no Algarve se esteja a investir na agricultura a um ritmo de 80 mil contos por mês, e graças a isso, a área de

citrinos naquela província passou de 5000 hectares em 1970, para um pouco mais de 9000 hectares em 1978, ao mesmo tempo que foram instaladas estufas cobrindo uma área de 400 hectares, para culturas hortícolas.

Segundo a mesma fonte, só o Algarve, se forem convenientemente aproveitadas as suas potencialidades e prosseguida a orientação que tem vindo a ser seguida em matéria de fomento agro-pecuário, poderá por si só satisfazer um terço das nossas actuais carencias de produtos alimentares deste sector.

Este esforço parece orientado para os melhores resultados, já que está a ser apoiado por equipas técnicas de Israel, Alemanha Federal e França, e com subsídios financeiros internacionais, nomeadamente no que concerne ao estabelecimento de granjas experimentais e equipamentos de maquinaria e alfaias, em cooperação com o MAP.

Cremos que um tal programa deveria ser levado por diante e em amplitude crescente, bem como se deveria dar a maior publicidade aos seus resultados aos «milagres da colectivização» que os acautos marxistas se esforçam por apregoar em defesa da Reforma Agrária no Alentejo...»

«UM PRODÍGIO DE IMAGINAÇÃO»

«O País», na sua edição de 23 de Março passado, reporta-se a este semanário e tecê a propósito de um anúncio publicado, um breve mas subtil comentário, que não resistimos reproduzir na íntegra.

Eis a sua transcrição:

LUTADORES. A imprensa de província parecendo que não, é muito interessante de ler e não aproveita apenas aos naturais da terra onde os jornais se publicam. Nela se encontram notícias, as mais das vezes ignoradas pela chamada grande Imprensa, mas que permitem ao observador mais atento traçar o perfil do País real que somos e em que vivemos. E não só notícias mas também outros assuntos dignos de registo,

entre os quais, por exemplo, os pequenos anúncios. Como este, respigado do nosso prezado colega «A Voz de Loulé», que consideramos um prodígio de imaginação, oportunismo e ironia, e a que retiramos as referências comerciais, para que a nossa Secção de Publicidade não nos caia em cima por lhe estarmos a prejudicar o negócio. Sob o título «Lutadores antifascistas e outros», reza assim o texto do referido anúncio: «Há vários lutadores: antifascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço. Para vencer o cansaço, dorma num colchão X Y, ambos com a garantia Z». É uma maravilha ou não?...»

Ano Internacional da Criança

Criança sofre!

(continuação da pág. 1)
mos está verdadeiramente num impasse. Não se criam escolas dignas para educar as crianças. Não se fortalecem os laços espirituais da Família. Aumentam as desigualdades sociais, a prostituição, os divórcios, o desmantela-

mento da Família. Enquanto isto, agrava-se a crise económica, proibindo as crianças de crescerem com o mínimo de conforto e de bem-estar. De pouco vale escrever longas páginas de palha e conversa fiada, se recusarmos sistematicamente o apoio que deve ser dado às crianças. Elas precisam de afecto, de conforto, de moral, de uma vivência capaz. Torna-se urgente que a Educação e a Cultura não sejam etiquetas partidárias que materialize o espírito da criança e a torne um incêndio interior que vai-se alastrando com os anos. Não é numa Sociedade de crimes, de catástrofes, de inundações políticas, de caprichos e doutrinas enganadoras que a criança encontra terreno fértil ao seu livre desenvolvimento.

As rupturas, os deslocamentos e as indefinições, dos que nos têm governado sem medidas precisas, têm proibido o enquadramento da criança num sistema que lhes garanta a sua segurança social. Dir-se-ia que os políticos têm-se revelado incapazes de respeitarem os Direitos da Criança, pela sua orientação bem diferente das necessidades do nosso Povo, habituado ao mal-estar e à inquietação das promessas que não se cumprem.

São precisos actos voluntários de boa-fé que introduzam algo de novo na nossa vida social, pois as crianças, mais do que os adultos, sofrerão amanhã horas infelizes se não forem tomadas medidas de recuperação da ordem e da moral. Só um intervencionismo abundante de humanismo poderá obter êxito na história dos homens, cada vez mais afastados entre si pela sua insatisfação permanente e pelos seus graves conflitos interiores. Parece-me que a vida de um Estado não deve estar sujeita ao acaso político, ela precisa de um rumo que defina esse mesmo Estado e garanta aos cidadãos condutas de importância histórica, no caminho da evolução e da realidade universal. Logo, a criança necessita da compreensão familiar, de uma educação pré-primária, livre e democrática, de uma cultura que não seja absolutista ou dirigista, de uma sociedade onde se desenvolvam as relações humanas, onde os homens se sintam integrados nas estruturas a que pertencem.

Não vou acrescentar mais, nem pretendo ser repetitivo. Aconselho às pessoas que arranjem outra linguagem para falar das crianças. A linguagem dos actos humanos, do amor, da compreensão. Elas não precisam de uma linguagem que comove os adultos. Elas precisam de paz, de pão, de fraternidade e amor. É muito mais importante que lhes preparamos o futuro!

Luis Pereira

Cantinho do leitor

ESTE POEMA ASSIM NASCIDO

A minha mulher com afecto

Nasceu este poema
Dos dílatimes da vida;
Companheiral...
Ainda vibramos...
No Outono somos flor
Mas já pressentimos
Além... o declive.
Lá no fundo do corredor.

Depois, vamos saber esperar
Na idade proactiva,
Se eu partir e tu ficares
Satisfaz-me este pedido:
Coloca-me no perpétuo leito
Flores do monte,
Da tua Beira Litoral
E do meu Algarve querido.
Joaquim Afonso Revez

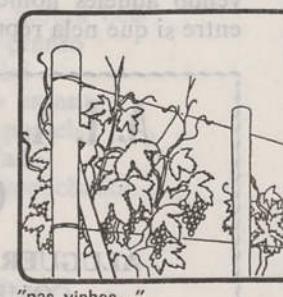
Morangos algarvios para a Europa

Deu já início mais um ciclo de exportação de morangos algarvios para diferentes países da Europa, onde a saborosa fruta é apreciada. O facto vem confirmar a vocação e potencialidades para a produção hortícola de elevado índice económico da região do Algarve.

As exportações processam-se por via aérea através do aeroporto de Faro e dado o seu incremento promissor faz-se notada a falta de um terminal de carga devidamente equipado com câmaras frigoríficas.



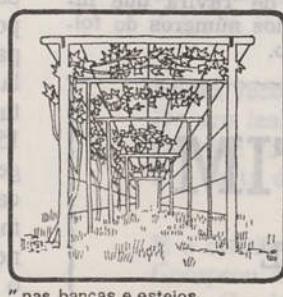
POSTES SOPREM de madeira especialmente tratada: prenunziados, óptimos para a aramação das vinhas, dos pomares e de bancas e esteios para ramadas; creosotados, largamente utilizados nas vedações rurais - defesa de propriedades, separação de culturas, cercas para gado, etc. Características dos POSTES SOPREM: Longa duração, robustez, flexibilidade, leveza, facilidade de colocação e um preço baixo. Em qualquer das suas aplicações, os POSTES SOPREM representam maior economia de pessoal e conduzem a melhores resultados.



"nas vinhas..."



"nos pomares..."



"nas bancas e esteios para ramadas..."



SOPREM

SOCIEDADE DE PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS, S.A.R.L.

PORTO — Rua Almirante Leote do Rego, 228 - Tel. 48 63 81

LISBOA — Escritórios Centrais: Rua Damasceno Monteiro, 42 - Tel. 87 41 11/9. Apartado 1390

Dependência: Av. António A. de Aguiar, 165, r/c - D. Tel. 53 99 41/2/3/4

NOTÍCIAS DO CICLISMO

Secção de JOSÉ MANUEL MENDES

Luís Vargues soma e segue

Mais um Festival de Pista, se realizou no dia 1 de Abril, desta vez com a presença das equipas do Bombarralense e do Lousa, além, é claro, das seis formações algarvias.

Mais um grande espectáculo foi dado a presenciar ao inúmero público que se deslocou à Pista Bexiga Peres. Estava-se no «Dia das Mentiras», mas a verdade, é que o público saiu satisfeito.

Começando pela prova de eliminação, Lima Fernandes do Bombarralense foi o vencedor. Nos Aspirantes, como vem sendo habitual, Leonel Tomás do Louletano, mostrou que tem pernas para vencer, e venceu mesmo!

Seguidamente, a prova de perseguição por equipas à italiana. Como a maioria do público não sabe, cada equipa alinha com três ciclistas, cada um dos quais puxa obrigatoriamente uma volta e sai da corrida, até que por fim fica um corredor por cada equipa. Desconhecedor deste facto, todo o público vibrou e aplaudiu a vitória de Luís Vargues do Campinense, sobre o representante da equipa do Lousa. Agora, o que pouca gente se apercebeu, foi que Luís Vargues ultrapassou o seu colega Manuel Gonçalves, antes deste ter cumprido a volta que lhe pertencia. Foi feito imediato protesto por parte do Lousa, que assim acabou por ganhar na secretaria do Júri, a corrida que no terreno o valor de Luís Vargues lhe negou. Mas enfim, o Regulamento é para se cumprir.

Numa prova, inicialmente prevista para ser um critério de Séniores B e Júniores, o elevado número de concorrentes provocou uma queda de certo aparato, o que levou o Júri a suspender a prova, e a recomendar com 15 voltas em Linha. Foi vencedor Delmiro Lores, do Campinense, seguido de João António, do Boavista e de Carlos Martins, do Louletano.

Por fim, a corrida maestra do Festival: as 120 voltas em Linha, para séniores A e B. Disputada em diversas cambiantes, ora lenta ora a sprintar, os homens do Bombarralense e do Lousa foram dividindo os prémios que a generosidade do público ia espalhando de 5 em 5 voltas. Finalmente, na última volta, e mais uma vez perante o delírio do público louletano, Luís Vargues venceu ao sprint, batendo sobre o risco de chegada o seu colega de equipa José Luís Pereira, e António Guerreiro, do Almodovar.

Como notas salientes neste Festival recordemos: uma negativa, outra positiva. Na primeira, a forma anti-desportiva como Firmino Bernardino acatou a sua eliminação na 1.ª prova do Festival, e os termos intolleráveis como se dirigiu ao Júri e à organização, que lhe valeriam em qualquer lado uns bons meses de suspensão. Na segunda, registou-se o aparecimento em provas oficiais de uma nova equipa algarvia: os Operários de Tavira.

CAFÉ DELFIM

TRESPASSA-SE

COM SNACK-BAR E SALÃO DE CHÁ.

NO MELHOR LOCAL DA VILA.

TRATAR PELO TELEF. 62093 — LOULÉ.

(4-1)

LOULAGRO — Máquinas Agrícolas e Industriais, Lda.

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia 19 de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove em Beja e Segundo Cartório da Secretaria Notarial perante mim Manuel Jacinto Vargas Madeira, notário, compareceram a outorgar:

PRIMEIRO — Joaquim das Neves, natural da freguesia de Alqueva, concelho de Portel, casado em comunhão geral de bens com Lucília Cabrita David Neves, residente em Beja na Rua Vinte e Cinco de Abril, número doze, 6.º andar, esquerdo.

SEGUNDO — Aquilino António Romano Ivens, natural da freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Coa, casado em comunhão geral de bens com Maria Teresa de Jesus Rodrigues Ivens, residente na Rua Vinte e Cinco de Abril, n.º 12, 6.º andar, direito, em Beja.

TERCEIRO — Clarisse Veiga Brito Goinhas Catarino, natural de Beja, casada em comunhão de adquiridos com Augusto António Catarino, com residência na Rua de Alcobaça, n.º 14, rés-do-chão, direito em Beja.

QUARTO — João Francisco Caracol Castanho, natural de Loulé, casado em comunhão de adquiridos com Maria Albertina Gomes Farinho Castanho, residente na Rua Duarte Pacheco, n.º 132, em Loulé.

QUINTO — Ricardo da Silva Guerreiro, natural da freguesia de Querença, concelho de Loulé, casado em comunhão de adquiridos com Maria do Carmo Cortez Tavares de Almeida Guerreiro, residente na Rua São João de

A Voz de Loulé n.º 724, 26-4-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Carta Precatória 101/78 SEC-AUX.

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 31 de Maio de 1979, pelas 15 horas, neste Tribunal Judicial de Loulé, nos autos de carta precatória vinda do 4.º Juiz Cível do Porto e extraída da execução de sentença sumária n.º 3.266-c/73, da 3.ª secção, que Justino da Silva Santos move contra o executado Ângelo Ferreira Carneiro, casado, comerciante, residente em Vale da Venda — Faro, há-de ser posta em praça pela 2.ª vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima de metade do seu valor, ou seja por 150.000\$00, a «quota» que Ângelo Ferreira Carneiro já indicado possui na sociedade comercial «Ângelo Ferreira Carneiro, Lda.», matriculada sob o n.º 509, a fls. 65 do livro C-2 da conservatória do Registo Comercial de Loulé.

Loulé, 19 de Abril de 1979.

O Juiz de Direito
Mário Meira Torres Veiga

O Esc. de Direito
Américo G. Correia

Deus, n.º 10, rés-do-chão, segundo, em Beja.

São os outorgantes do seu conhecimento pessoal e declararam que pela presente escritura, constituem entre si uma Sociedade Comercial por Quotas de Responsabilidade Limitada se regerá pelos estatutos constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação «Loulagro — Máquinas Agrícolas e Industriais, Limitada» e terá a sua sede em Loulé na Rua João das Regras.

Parágrafo Único: A gerência poderá abrir ou fechar filiais, sucursais, agências ou delegações conforme o julgar conveniente.

ARTIGO SEGUNDO — O objecto da Sociedade consiste no comércio de produtos para a agricultura, pecuária e indústria, máquinas e alfaias, e qualquer outro ramo de indústria ou comércio que os sócios resolvam explorar e seja permitido por lei.

ARTIGO TERCEIRO — A sua duração é por tempo indeterminado, com início a partir de hoje e o seu ano social é o civil.

ARTIGO QUARTO — O capital social é de um milhão de escudos, integralmente realizado em dinheiro, representado e dividido em cinco quotas iguais, de duzentos mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios, Joaquim das Neves, Aquilino António Romano Ivens, Clarisse Veiga Brito Goinhas Catarino, João Francisco Caracol Castanho e Ricardo da Silva Guerreiro.

Parágrafo único: Poderá o mesmo capital ser elevado por proposta da gerência após obter o acordo de todos os sócios.

No caso de aumento de capital, será o mesmo dado de preferência aos sócios da empresa, na proporção das suas quotas.

ARTIGO QUINTO — Depende do consentimento da Sociedade a cessão, venda ou alienação de qualquer quota, no todo ou em parte, quer seja a favor de estranhos, quer mesmo a favor de outro sócio. Em qualquer caso a sociedade terá sempre direito de preferência.

ARTIGO SEXTO — No caso de falecimento ou de interdição de qualquer sócio, a sociedade prosseguirá com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interditado, devendo aqueles nomear um de entre si que nella represente en-

quanto a quota estiver indivisa. Se os herdeiros do sócio falecido ou interditado não quiserem continuar na Sociedade, receberão desta o que se apurar pertencer-lhes pelo último balanço aprovado.

ARTIGO SÉTIMO — A gerência, dispensada de caução, será nomeada em Assembleia Geral, devendo no entanto, a Sociedade ser obrigada pela assinatura conjunta de dois gerentes, exceptuando os assuntos de mero expediente para o que bastará a assinatura de um só.

ARTIGO OITAVO — É expressamente vedado a qualquer dos gerentes assinar em nome da Sociedade actos ou contratos que respeitem a negócios estranhos à sociedade, bem como obrigar-lhos em abonações, letras a favor e actos semelhantes, ou assumir obrigações ou responsabilidades estranhas aos interesses da Sociedade.

ARTIGO NONO — Os sócios poderão fazer à Sociedade os suprimentos de que ela carecer, nas condições deliberadas em Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO — As Assembleias Gerais, sempre que a Lei não prescreva formalidades especiais, serão convocadas por simples cartas registadas, com a antecedência mínima de oito dias.

Parágrafo único: Os sócios poderão passar procuração a fim de se poderem representar em qualquer reunião na Sociedade.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO — Aos lucros a mais será dado o destino que a Assembleia determinar.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO — Para todas as questões emergentes do presente pacto social, será competente o foro da sede social, com expressa renúncia de aluguer.

ARTIGO DÉCIMO TERCERIO — A Sociedade dissolver-se-á nos termos legais.

Arquivo Certidão emitida em 29 de Janeiro de 1979, pela repartição do Comércio, comprobativa de não se achar inscrita naquela Repartição qualquer Sociedade com denominação igual ou semelhante à ora constituída. Li e expliquei a presente escritura em voz alta e na presença simultânea de todos os outorgantes e adverti-os de que é obrigatório o registo deste acto no prazo de três meses.

Assinaturas dos Sócios.

O Notário,
Manuel Jacinto Vargas
Madeira

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO
COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS
BILHETES DAS EMPRESAS:
MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★
Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo)
QUARTEIRA — ALGARVE

Deslizando sob a batuta das forças partidárias?

(continuação da pág. 1)

pação permanente, terá de se apoiar em princípios exequíveis, e na pureza da sua integridade moral! Desgraçadamente, nesta última década estão arredados da sua sensibilidade os verdadeiros sentimentos de humanidade, progressivamente em crise de consciência!

Do fundo da nossa estrutura física e espiritual surgem paralelas, raízes entrelaçadas de egoísmo e humanidade, herança do sangue latino que nos ferre nas veias. A ambição e fraude chocam-se por vezes em diálogos supreendentes derivados dessa estranha associação. Aliás, nos dias de hoje, é impressionante a tendência que nos impõe a situações inexplicáveis e paradoxais, travando a lucidez e o discernimento!

As ideologias políticas, são caminho propício a vespeiros reprodutores da ambição! Elas seduzem os incautos com promessas irrealizáveis logo à partida, fascinando na vóltipla materialista. A política obceca os homens, distorce-lhes o poder de lógica, envenena a capacidade de raciocínio, e não raro conspurca-se na máxima dos dita-

dores clamando o slogan favorito de, «quem não é por nós é contra nós»!

Eis a imagem, quanto a mim, dolorosa e saturadora, que se respira hoje em dia nesta velha casa portuguesa. Cada partido reivindica com unhas e dentes amados, os seus pontos de vista, não cedendo uma polegada no vetusto cenário de S. Bento, palco aguerrido de vigorosas batalhas orais, fortemente barricadas numa intangibilidade surda, muda e tenaz. Entretanto o povo observa o desenrolar dos acontecimentos e a inflexível dureza de posições que emanam como surto de preocupante epidemia! Vale tudo, menos ceder uma polegada a favor de alguém!

Na realidade, sejamos objectivos! Que interesses giram à volta da discussão, aprovação ou rectificação de leis em que capiosamente se atola o sentido da Democracia? Surgem por vezes diálogos empíricos, quentes e decepcionantes, quando o Povo esperaria algo de positivo para a Nação, muito particularmente na execução de uma Reforma Agrária harmoniosa, no ressurgir da Economia, e dumalufada de ar puro na situação Financeira. Cada um recebe a sua mezincha miraculosa, e dela não desbanca, nem à mão de Deus Padre!

Degladiam-se entre si, trocam palavras e frases pomposas estudadas nos gabinetes, mas chegar a um consenso, isso é o chegas! Derrubar Governos constitucionais estáveis e coerentes, na mira de se afundar o pouco que nos resta, eis a tónica favorita, enquanto se desliza matematicamente para o abismo! Aliás, é simplesmente incrível que para formar o Executivo se convoquem independentes, mas será a consequência lógica dos

partidos não se entenderem.

Todavia, os chamados «independentes», deveriam ser a expressão viva parlamentar, porque representariam no conjunto de 6,5 milhões de eleitores a força silenciosa que parte dela não vai às urnas, nem é apoiada na Imprensa, Rádio e TV! Se os partidos têm apenas um milhão e tal de filiados, a eloquência dos números a respeito dos «independentes» tem uma expressão teórica de mais de 70%! E na base desta conclusão nacional, porque se criam dificuldades a governos independentes, sem oferecer uma oportunidade dilatada, aos seus executivos? Será melhor esta Pátria arrastar-se, doente, num clima semelhante ao do dealbar de 1579?

Interessantíssima, a defesa que todos os partidos propõem ao trabalhador! Mas, trabalhadores, são todos os portugueses! Aponte-se a dedo quem se pode dar ao luxo de viver sem trabalhar! Simplesmente uns são escravos, e outros senhores! Sejamos nesta propaganda suja, responsáveis, coerentes e dignos, não deturpando factos em controvérsias pueris e histerismos suicidas, parindo crises consecutivas. O Povo terá talvez o elixir na hora suprema quando o trovão rasgar as trevas! A hora que passa exige mais trabalho que palavras, sacrifícios e dignidade, forçando as muralhas da História. Nação livre e soberana de 9 séculos, mobilizemos forças para travar aventureiros que cortejam cobiçosamente o Poder, não olhando a meios para atingir os fins. Cerremos fileiras, e salvemos a Pátria e a Democracia na sua pureza intrínseca. Ai dos povos que não sabem reagir aos ventos da adversidade!

J. Clara Neves

Assistência médica no Algarve

(continuação da pág. 1) muito boas, existindo igualmente uma residência própria para um médico, construída exclusivamente com esse fim e que não é utilizada;

c) ALTE dispunha de um médico permanente e residente, que morreu, tendo a partir daí sido inúmeros os problemas de assistência ocorridos;

d) Desde Junho de 1978, não há médico permanente sendo a assistência feita por médicos alterados o que impossibilita a existência de confiança e conhecimento mútuo entre o médico e o doente, o que o Partido Social Democrata entende fundamental como forma de humanizar a medicina;

e) Nalguns dias, ALTE já se tem visto sem qualquer médico que preste assistência;

f) Frequentemente as consultas são dadas à pressa e muitas vezes grande número de doentes fica por atender o que, para já das graves consequências no aspecto das doenças, provoca gastos de transporte e graves transtornos nas actividades dos uten-

tes, pois têm que voltar lá novamente, ou ir a outra localidade;

g) A não existência de médico na localidade ou que esteja permanentemente pronto a dar assistência médica à população de ALTE, em casos de urgência, põe em risco a vida dos doentes além de outras consequências igualmente graves.

O Partido Social Democrata solicita à Assembleia da República através do Ministério dos Assuntos Sociais as seguintes informações e esclarecimentos:

a) Em geral, quais são os projectos do Governo com vista a garantir, no mais curto espaço de tempo possível, uma adequada cobertura médica do Algarve, em particular das zonas do interior e da serra quer no que respeita à medicina preventiva quer curativa?

b) Em relação à Freguesia de ALTE no concelho de Loulé como pensa o Governo dar respostas às questões suscitadas, para garantir a existência de um médico, ou médicos, que garantam uma assistência médica permanente e eficiente às suas populações?

APARTAMENTOS E LOJAS

VENDEM-SE, NO MELHOR LOCAL DA VILA,

EM ACABAMENTO E DE LUXO.

TRATAR COM SR. MANUEL RICARDO M. DA

SILVA & C. LDA. — TELEF. 62449 — LOULÉ.

VENDE-SE

Quinta rústica com grande pomar de frutas várias e 6,5 ha (cerca de muro). Abundância de água do rio/barragem e poço, situada em Enxarim (a 1 Km de Silves), denominada Horta Poço do Arado. Tratar no próprio local ou pelo Telef. 2103489 — ALGÉS.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

Ficou cheia de susto, surpreendida
Quando viu do pão sangue escorrendo
Da sua indiscrição arrependida
Dos outros dois, no meio o foi metendo;
Na fonte a linda Cassima ferida
Com dor profunda ouvia-se gemendo
Porém o homem que as mouras escutava
De qual fosse o motivo nem pensava.

Chegou de Junho o destinado instante
A noite estava linda e sossegada!
E a lua, em pleno azul, com luz brilhante,
quem em cheio tinha a fonte iluminada
E quando o sete-estrellos cintilante
Marcava meia noite na aprumada
Pronto, com os três pães que bem guardou
O homem, cada moura assim chamou:

Lídia... surge d'aí... quebre-se o encanto...
Bateu com o pão na fonte, e a moura bela
Qual mágica visão, cessando o pranto
Sem estrondo ou rumor saiu dela!
Zara veio também, Cassima no entanto
Por muito que chamou, gritou por ela,
Não lhe pôde quebrar o duro fado
Porque o pão do seu nome foi manchado!...

Era Cassima linda, a mais formosa
das três mouras que estavam neste encanto
E ali ficou para sempre a desditosa
A fonte alimentando com o seu pranto
Zara e Lídia, qual delas a mais chorosa
A fonte investigavam com espanto
Por Cassima chamando, só ouviam
As lágrimas na fonte que gemiam.

Por fim, tristes, chorosas e magoadas
Por deixarem ali a irmã querida
Mas no poder do pai ainda esperançadas
Não julgando de todo a irmã perdida
Do seu libertador acompanhadas
Para casa dele foram ter guardada
Té que p'ra Tanger postas em jornada
Do pai na habitação deram entrada.

Ali as recebeu o pai choroso
Oposta impressão ele sentia
Por ver as filhas, uma, era de gozo,
Por Cassima não ver, ele gemia
Ora, para o cristão falava iroso
Ora por gratidão lhe agradecia
Té que afinal contou-lhe o seu cativo
Qual foi do mal de Cassima o motivo.

Sabia-o, revelou todo o segredo
O crime da mulher ter golpeado
De Cassima o pão, que bem seguro
Julgava tê-lo em sítio resguardado.

Então reconhecendo o pai de Cassima
Do seu leal cativo a fidelidade
Deu-lhe todo o tesouro prometido
E a carta de alforria e a liberdade.

E o cristão regressou à sua terra
Comprou a fonte e o lindo vale ao pé
E de Cassima a história foi contando
A todos que viviam em Loulé.

E ainda agora
Da moura a história
Todos a guardam
Bem na memória
E a bela fonte
De água gelada
Por muita gente
É visitada
E há quem afirme
Com fé leal
Ter visto Cassima
Por entre o Vale!

LOULETANO AGRACIADO com Legião de Honra da França

Pelo Chefe do Estado-Maior do Exército francês, general Jean Lagarde, foi entregue em 7 de Março passado, em cerimónia celebrada no Mosteiro da Batalha, ao capitão reformado Manuel de Sousa, a Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra da França.

Esta elevada distinção foi concedida ao oficial português em face ao seu heróico comportamento na Primeira Grande Guerra.

A condecoração com que foi agraciado veio juntar-se a muitas outras com que foi galardoados devido aos seus feitos em combate.

A notícia da cerimónia supracitada foi amplamente divulgada pela maioria dos jornais diários da capital, na devida oportunidade.

O general Jean Lagarde era acompanhado pelo origadeiro Lang e pelo capitão Wirth, do exército francês, e pelo brigadeiro Belchior Vieira, em representação do Estado Maior do Exército Português.

Ainda que em retrospectiva, não quer este semanário deixar de assinalar a efeméride, tanto mais que o capitão Manuel de Sousa (que conta 84 anos) é natural de Clareanes; e portanto ilustre conterrâneo nosso.

A propósito deste acontecimento com o qual muito nos regozijamos, recebemos uma lapidária carta, que muito nos apraz dar à estampa:

«Exmo Senhor
Director do jornal
«A Voz de Loulé»

Os meus respeitosos cumprimentos a V. Ex.^a.

A alegria sentida por ver um ilustre conterrâneo de V. Ex.^a, ser condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra da França, levaram-nos a escrever-lhe estas linhas.

O sr. Capitão Manuel de Sousa, seu conhecido, filho de Loulé, nascido a 6 de Novembro de 1894, em Clarianes, glória das Armas Portuguesas com brilhan-

tes feitos praticados na frente de combate, especialmente, na Batalha de Lalaia, em França (1914/1918) é digno de ser apontado a todos os louletanos, para que estes saibam que Loulé tem um filho, ainda jovem de espírito, mas já com 84 anos, que não só todo o Portugal conhece como herói mas também a Fran-

Enviamos-lhe alguns recortes dos jornais que reproduziram a cerimónia a que acima aludimos bem como uma fotografia onde além do homenageado se vêem o C.E.M. do Exército Francês, General Jean Lagarde e o General Português Almeida Viana, Presidente da Liga dos Combatentes.



O Capitão Manuel de Sousa, ladeado pelos oficiais que o condecoraram.

ça inteira, pelo seu General Chefe do Estado Maior do Exército.

Todos os órgãos de Comunicação Social, Jornais, Rádio e T.V. do dia 18 de Março/79, deram público conhecimento da cerimónia havida no Mosteiro da Batalha, em que toda uma geração combatente, na Guerra de 1914-18, defendeu a honra e a dignidade de Portugal e do Mundo.

O Capitão Manuel de Sousa, lídimo representante dessa geração, acrescentou às já várias condecorações que possui, a Cruz de Cavaleiro da Ordem da Legião de Honra de França, como reconhecimento de um herói que as gerações presentes e vindouras não deverão esquecer.

Os louletanos, jovens e velhos, deverão orgulhar-se deste seu filho muito querido que dedicou toda uma vida a servir a Pátria que é de todos nós.

Muito reconhecidos ficariam a V. Ex.^a se o jornal a «Voz de Loulé» publicasse esta carta e a fotografia junta, como sinal preto de homenagem ao grande Militar que é o Capitão Manuel de Sousa.

Lisboa, 27 de Março de 1979.

Romana Mariano Brito
da Mana Fidalgo Esteves
José Luciano Fidalgo
Esteves

«FIEL AMIGO» ATIRADO AO LIXO

O conhecido «fiel amigo», que da Terra Nova nos chegava, há anos, com abundância, está cada vez mais «nas ruas da amargura». Contingentado, a contigotadas, faz umas rápidas aparições nas épocas festivas, sobre tudo no Natal, para alegria dos

los de bacalhau apodrecido! Como diria o actor Jô Soares do «Planeta dos Homens» — um espanco, um esPANTO!

O caso porém não é para rir. Num país onde quase já não se ganha para comer, deixar estragar alimentos que a muitos fa-



Quarteira, às tantas horas, do dia tantos de tal — um contentor cheio de bacalhau... podre.

apreciadores, mas logo desaparece, como que levado por um estranho golpe de magia ou de ocultismo...

Qual não será pois a admiração de um descuidado quarteirense ao ver, num dia destes, um contentor de lixo «recheado» com umas boas dezenas de qui-

zem falta é, por assim dizer, um verdadeiro crime. A quem atribuir a culpa: a algum «esfomeado» sem problemas de dinheiro, que quis só para si o que a muitos terá faltado, ou à ganância de algum comerciante açambarcador na mira de chorudo lucro no mercado negro... Seja como for, é de pena...

... Até porque aos contentores do lixo deve ser dada melhor utilização, além de que Portugal ainda gasta muitos milhões de contos na importação de bacalhau!

Fiquemos portanto por aqui, saudosos de uma boa «bacalhauizada com todos», rimando sem pretensões:

Cá em Quarteira o recheio dos contentores não é lixo: é bacalhau — papo cheio e fome de criar bicho...

O. A. A.

Devastado pelo fogo o magnífico Hotel Alfamar

Violento incêndio devastou grande parte do Hotel Alfamar (situado na Praia da Falésia), provocando prejuízos avultados e calculados em cerca de 200 mil contos. Na próxima edição forneceremos notícia detalhada.

NOTA OFICIOSA sobre mapas do quadro de pessoal

O Ministério do Trabalho publicou recentemente uma nota oficiosa, na qual lembra as empresas da obrigatoriedade da entrega de mapas de quadros de pessoal.

EM QUARTEIRA

Restaurante de culinária chinesa

Enquadrada por cidadãos de nacionalidade chinesa, vai abrir em Quarteira, em substituição do ex-restaurante Orange, uma casa especializada na culinária daquele país do Extremo-Oriente, justamente apreciada pelas suas ementas.

Nas empresas estão incluídas as de carácter público e privadas, em regime de autogestão e cooperativas e ainda as entidades patronais que exercem actividades agrícolas, silváticas, de exploração florestal, de caça e pesca, que tenham ao seu serviço trabalhadores abrangidos pela previdência ou por instrumento de regulamentação colectiva de trabalho.

Os mapas deverão ser entregues de 1 a 30 de Abril, com dados referentes a Março, no caso particular do Algarve nas delegações da inspecção do trabalho, onde deverão ser entregues o original e uma cópia de todos os impressos emitidos.

Quanto às restantes cópias, serão destinadas aos sindicatos representativos dos trabalhadores da empresa, para o local de trabalho onde deve ser afixada, e para arquivo da empresa.

CONVÍVO AVIS-TAP ALGARVE 79

Registou mais de centena e meia de inscrições o convívio entre profissionais de turismo denominado «AVIS/TAP — ALGARVE 79» e que decorrerá no sábado e domingo na Aldeia das Agoteias, em Albufeira.

Para além da parte desportiva assinala-se todo um vasto programa recreativo e cultural que irá promover uma confraternização entre profissionais do sector não só do Algarve como de outras zonas do país e do estrangeiro.

Complexo «Algarve» no Terminal da Estação do Rossio em Lisboa

Recentemente o empresário Fernando Barata, acompanhado por sua esposa Erika Barata, recebeu recentemente no restaurante «Algarve», situado no Centro Comercial Terminal, da Estação do Rossio, em Lisboa, vários amigos, jornalistas, operadores turísticos e hoteleiros.

A recepção constituiu o acto inaugural de um estabelecimento de inquestionável categoria destinado a atrair e a servir múltipla clientela.

O complexo «Algarve», com capacidade para 400 comensais está integrado da secção «self-service», que está apto a fornecer comida confeccionada para as famílias que utilizam os comboios transversais do Rossio.

Chove chove galinha a nove!

Os caprichos do tempo são contingentes, quanto mais agora neste período transitivo do ano, em que... se agora faz sol, logo fará chuva.

Quando estas linhas saírem a lume a instabilidade do tempo ainda se fará sentir, querendo isto dizer que não se poderá garantir um prognóstico sobre os elementos climatéricos predominantes na circunstância.

Agora, porém, depois de uns dias de prematura mas radiosa Primavera, em que o sol se deixou fixar face-a-face, com um incontido sorriso de boas-vindas a bailar-nos no semblante, a chuva veio, pé antepé. Primeiro, chuvinha miúda, depois, mais afoita, de gotas mais volumosas, banhou um solo não de todo seco mas já preparado para uma nova rega.

Não há muito os terrenos de lavradio ensopados por fortes bátegas clamavam por um interregno.

Agora, volvidos que foram dias de sol generoso, são os cultigos que pedem às nuvens um pouco mais de água!

Mas o agricultor, que porfia na «arte de empobrecer alegremente», poucas posses dispõe de sobra para obras que hipotecariam por cima as suas alfaias e as suas colheitas.

Daí o seu permanente drama ante as incertezas do tempo.

Para ele, que todos os dias perscruta o firmamento, tempo bonançoso tem uma significação diferente da do citadino.

Será, portanto, aquele que favorece e alenta o ciclo vegetativo das suas culturas.

Isto é, nem sempre sol, nem sempre chuva, mas sol e chuva em proporções e em tempo devido.

Perdura, para ele, entretanto, um velho mas actual aforismo que diz:

O tempo é mercê de Deus
Mas o lavor e os adubos
Provém dos cuidados teus.

J. C. Viegas

DESINTERVENÇÃO NOS CASINOS DO ALGARVE

Por decisão procedente do Conselho de Ministros, foi recentemente deliberada a desintervenção estatal na Sointal (Casinos do Algarve), que foi restituída aos seus legítimos proprietários.

Considerando, contudo, o Con-

selho de Ministros as conclusões da sindicância instaurada, as quais apontam para graves irregularidades cometidas durante o período «gonçalvista», foi remetida a respectiva participação à Polícia Judiciária.